



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH III
CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

LEVI DA SILVA VARJÃO

LONGFORM

BIÃO: A VOZ DE CANUDOS

Juazeiro - BA
Dezembro, 2025

LEVI DA SILVA VARJÃO

LONGFORM

BIÃO: A VOZ DE CANUDOS

Memorial analítico e descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro - BA, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Múltiplos Meios.

Orientação: Prof. Dr. Geilson Fernandes de Oliveira.

Juazeiro - BA

Dezembro, 2025

LEVI DA SILVA VARJÃO

LONG FORM

BIÃO: A VOZ DE CANUDOS

Memorial analítico e descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro - BA, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Multimeios.

Orientação: Prof. Dr. Geilson Fernandes de Oliveira

Data de Aprovação:

12/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



GEILSON FERNANDES DE OLIVEIRA

Data: 26/02/2026 20:34:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Geilson Fernandes de Oliveira (Orientador)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus III, Juazeiro - BA)

Documento assinado digitalmente



JOAO FERREIRA DAMIAO

Data: 27/02/2026 08:38:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. João Ferreira Damião (Examinador)

Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA)

Documento assinado digitalmente



ANDREA CRISTIANA SANTOS

Data: 26/02/2026 21:26:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Andrea Cristiana Santos (Examinadora)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus III, Juazeiro - BA)

JUAZEIRO - BA
DEZEMBRO, 2025

A todo o povo de Canudos.

AGRADECIMENTOS

Apesar de todo o meu esforço e dedicação para fazer com que esse trabalho fosse finalizado da melhor maneira possível, não teria chegado até aqui sem as várias pessoas que me apoiaram durante o trajeto. Chega até ser injusto este TCC ter apenas meu nome na capa, pois a construção não foi só minha, todas as páginas deste memorial e também da *longform* tem influência direta de quem caminhou comigo. Por isso, aqui agradeço a todos.

Primeiro a Deus por ter me dado força durante esses quatro anos e meio de graduação para suportar o medo que mudar de cidade me trouxe, a sensação de estar à deriva no oceano e por me ajudar a encarar todas as dificuldades que apareceram.

Aos meus pai, Joselito e Zuleide, sem vocês esse sonho não teria se tornado realizado, obrigado por terem acreditado em mim e por todo o esforço que fizeram para que eu conseguisse chegar até aqui. A minha irmã, Cecília, que sempre disse o quanto tem orgulho de mim e me apoio em tudo que faço. A vida é mais dura sem você estar a uma parede de distância.

Aos meus avós: vovó Mariana e vovô Nelson, que também foram a base na qual me sustentei durante esse percurso. A vovó Edite e vovô Raimundo, *in memoriam*, vocês fazem uma falta que é impossível mensurar em palavras. Vovó Isabel, por cada abraço carinhoso sempre que volto pra casa.

A minha parceira de vida, Yanne, que durante esse percurso não foi só minha namorada, mas esteve presente também como colega de estudo e de trabalho. Não teria conseguido chegar até aqui sem seu suporte. Também a dona Neide, seu Luiz, vó Maria, vô Juarez, Tia Charla, Tia Nalva, Tia Josilene, tio Mário, por terem aberto a casa de vocês para mim, um desconhecido.

Ao meu orientador, Geilson Fernandes. Obrigado por todo apoio, atenção, dedicação e carinho. Sou grato por entender o quanto o tema deste trabalho é caro para mim. Agradeço também por toda a autonomia que me deu para que eu desenvolvesse este trabalho da forma que idealizei e com sua visão e conhecimento, o resultado final foi ainda melhor do que planejei. Quando comecei a pedir sua orientação ainda na disciplina de teorias e métodos de pesquisa, sabia que era a escolha certa.

A Edmilson Batista Campos (Bião), por aceitar ser objeto de estudo deste trabalho. Pelas mais de quatro horas de entrevistas e outras diversas conversas ao longo desses últimos meses. Estudar sua vida e obra fortaleceu meus laços com Canudos e com o povo canudense.

Aos irmãos que a vida me deu, minha vida com certeza tem mais alegria por ter vocês. Naldinho, você está na minha vida a tanto tempo que já nem me lembro mais. Sempre me incentivou e acreditou em mim desde o pré-vestibular, me recordo das nossas conversas em que me disse que eu precisava apenas de uma vaga para ser aprovado. Bocão, em diversos momentos eu precisei rir para esquecer das dificuldades e você esteve presente com alguma história fantasiosa para contar ou uma memória engraçada para lembrar, você é especial. Arthur, mesmo sendo o mais distante fisicamente, você sempre esteve por perto, sempre fez questão. Todo dia você me arranca um sorriso com um vídeo engraçado que me manda no instagram ou com algo que conta no grupo ou mesmo quando me manda uma mensagem para saber como estou, isso não tem preço.

Álex, ser seu amigo é precisar conviver com seus atrasos e seus pensamentos sem sentido sobre o mundo, ainda assim vale a pena, te admiro demais. Obrigado por ter me ajudado no desenvolvimento da página, sem seu apoio dificilmente este TCC teria ficado pronto. Sávio, sempre que volto pra Canudos você está feliz e de braços abertos para me receber, sinto seu carinho por mim. sou grato demais por também ter ido para as trincheiras deste TCC comigo e de bom grado caminhar 13 km para que eu pudesse produzir algumas fotos.

Eitor, obrigado por abrir as portas de sua casa para mim, pelas dezenas de horas de estudo madrugada adentro, pelas conversas e risadas. Em uma dessas sessões de estudos, fizemos história no FIFA 25 com o PSG na dificuldade lendária (isso precisava estar registrado em um documento oficial). Nicole, amiga de conversas para matar hora na rádio, boas risadas e fofocas sobre o mundo inteiro, é gratificante ser seu amigo. Bia, sua amizade foi uma das gratas surpresas que Juazeiro/Petrolina também me deram, carrego com muito carinho as diversas conversas que tivemos na “copinha da TV”.

Marcos Gregório e Mariano Silva, vocês foram companheiros de Esporte Show durante mais de dois anos. Com vocês, aprendi que comunicação não se faz sozinho, é preciso companheirismo e atenção com o outro para conseguir informar e

conversar com o público. Sem a escola que tive com vocês, algumas portas jamais teriam sido abertas para mim.

Emerson Rocha e Juliane Peixinho, agradeço a vocês pelo cuidado, atenção e cobranças durante meu estágio no g1 e ge. Cheguei ali muito verde, no final do terceiro semestre e vocês me deram autonomia para aprender e corrigiram meu percurso quando precisei, sem o que aprendi não teria conseguido realizar este trabalho.

Aos meus tios que sempre torceram e tiveram orgulho de mim. tia Juci, que me criou e cuidou de mim como se fosse minha mãe, tio mundinho por sempre deixar as portas de sua casa abertas quando volto. Tio Henrique e tia Luzanir, por todo carinho e cuidado. Tio Marcos e tia Tati, pela presença mesmo na distância. Tia Raimundo e tia Lili, pelo carinho de sempre.

Aos meus primos que acompanharam toda caminho desta graduação e torceram por mim do início ao encerramento deste ciclo que foi difícil, mas gratificante. Principalmente a Edvirgens, uma outra irmã que tenho e que sempre me recebe de braços abertos.

Aos meus padrinhos, Tio Antônio, Raimunda, por todo cuidado e carinho comigo e com minha família, se cheguei até aqui, também foi por causa de vocês.

A Uneb, em nome de Andreia Cristiana, que desde o primeiro semestre da faculdade se preocupou com meu bem estar. Sou muito grato a tudo que a senhora fez por mim durante o período da faculdade. Não poderia estar de fora deste momento de finalização. Também a professora Carla Paiva, que me provocou a produzir uma *longform* como projeto de TCC e realmente estava certa que o trabalho teria muito a ver comigo.

A João Ferreira Damião, que sempre continua com seu esforço de levar falar de Canudos em todos os espaços que está, me inspirei muito em você para realizar este trabalho e também falar do meu lugar no mundo. Obrigado também por aceitar fazer parte da banca.

A José Alex Oliveira (Lequinho), por me fazer enxergar caminhos para este trabalho e também pelo suporte técnico para a realização de algumas partes da produção. Foi de grande ajuda sua participação.

Menções importantes para Isaías, que me deu a oportunidade de trabalhar na rádio em 2026 e ali fez nascer em mim a paixão pelo jornalismo, profissão que

escolhi abraçar. Também para Adriana Fontes, que durante meus estudos para o vestibular teve paciência e muito carinho para me ajudar a melhorar minha redação.

A todos os entrevistados deste trabalho por terem tirado um tempo na rotina de vocês para conversarem comigo e me ajudarem, alguns já mencionado acima. Bião de Canudos, João Batista Lima — fonte de suma importância para o desenvolvimento de parte desta pesquisa — Lequinho, João Ferreira Damião, Josemar Pinzoh, Tobias Queiroz, Genário Rabelo, Padre Jeferson, Camilly Lopes, Matheus Campos, Sávio Lopes, Losgrael Ribeiro, Patrícia Oliveira, Lohanna Alves e Kaila Marcelle. Vocês foram fundamentais.

As minhas psicólogas, Letícia Delleon e Tayany Oliveira, o cuidado e profissionalismo de vocês foi fundamental em momentos difíceis. Agradeço por todo carinho que cada uma teve comigo em momentos diferentes desses últimos anos.

Por último, ao Clube de Regatas do Flamengo, que me deu grandes momentos de alegria durante a vida e também nesses anos. Com o CRF, aprendi que mesmo quando tudo está perdido, ainda há tempo para uma virada incrível. O Flamengo foi meu companheiro em várias tardes e noites e me deu o prazer de ser o primeiro brasileiro tetra da Libertadores.

*“Canudos é todo dia.
Todo dia é dia de lutar”.*

(José Américo Amorim)

RESUMO

Este memorial apresenta o percurso de desenvolvimento da *longform* “Bião: a voz de Canudos”, produzida como Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto busca entender de que maneira os álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006), do músico Bião de Canudos, abordam e contribuem para a construção da identidade, cultura e memória canudense. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada, principalmente, na pesquisa bibliográfica, documental e na adoção da Análise do Conteúdo, que permitiu identificar três categorias mais recorrentes nas canções de Bião: festas populares, território e saudade, que articulam, a seu modo, memória, cultura e identidade. Como técnica para coleta de dados, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas. As categorias identificadas orientaram a construção da narrativa *longform*, que reúne textos, fotos, áudios, vídeos, minidoc e tocadores musicais como recursos para oferecer maior interatividade aos leitores. Os resultados da pesquisa e do desenvolvimento do produto demonstram como a música regional pode ser um elemento que guarda a memória coletiva de um povo, contribuindo para a constituição e complexificação de identidades. O produto pode ser acessado em: <https://www.biaodecanudos.com/>

Palavras-chave: Bião de Canudos, Canudos, música, identidade, *longform*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Apresentação	12
1.2 Breves apontamentos sobre a história de Canudos	15
1.3 Problema e objetivos	17
2 JUSTIFICATIVAS	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1 Identidade ou identidades?	23
3.2 Região e música regional	24
3.3 Entendimentos sobre cultura	26
3.4 O papel da memória para a construção da identidade	27
3.5 Longform como suporte	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
4.1 Método de abordagem	32
4.2 Métodos de procedimento	33
4.3 Técnica de coleta de dados	35
5 DESCRIÇÃO E REFLEXÃO DA PRODUÇÃO - BIÃO: A VOZ DE CANUDOS	38
5.1 Primeiro passo: Análise de Conteúdo das músicas	38
5.2 Canudos: a história do lugar	40
5.3 História de Canudos: uma linha do tempo	41
5.4 A vida de Edmilson Batista Campos	42
5.5 A trajetória artística de Bião	43
5.6 Cantos da terra: as canções de Bião	44
5.7 A Canudos que canta: memória, identidade e pertencimento	45
5.8 Festas, território e saudade nas músicas de Bião	47
5.9 Construção do site	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O Sertão da Bahia viveu um dos episódios mais violentos da história do Brasil no final do século XIX. Entre os anos de 1896 e 1897, o recém-instaurado governo republicano enviou forças do exército brasileiro e da polícia da Bahia para colocar abaixo o Arraial de Belo Monte, comandado por Antônio Conselheiro, e matar os moradores do vilarejo.

As forças do Estado brasileiro enviaram quatro expedições contra os conselheiristas¹ em 11 meses. A população de Belo Monte resistiu às três primeiras ofensivas, mas diante das perdas ao longo das batalhas e do poderio bélico e financeiro que o inimigo possuía, aquela população que defendia o seu lar do invasor não conseguiu resistir.

Apesar da perseguição no pós-genocídio e da tentativa de apagamento da memória com a construção do açude sobre as ruínas do Arraial de Belo Monte, a memória de Canudos resiste e segue no imaginário popular. Essa resistência encontra apoio na oralidade e também nas produções simbólicas como pinturas, fotografias, cinema e também na música, tal qual na obra de Bião de Canudos, que escolheu cantar os diferentes momentos da história da cidade em suas canções.

Bião de Canudos é um dos principais nomes quando se trata de músicas que falam sobre a memória e a história do povo canudense. O artista é intérprete e compositor do hino oficial de Canudos e de canções que constituem o “Cancioneiro de Canudos”, uma série de versos musicados sobre temas que remetem a cidade. Nesse contexto, as canções de Bião de Canudos destacam-se por sua capacidade de traduzir e perpetuar os valores, a história e a cultura da cidade de Canudos, no sertão da Bahia.

As músicas de Bião podem ser compreendidas, nesse sentido, como manifestações culturais de Canudos. Santos (2017) define manifestação cultural como uma forma de expressão que reflete identidade e tradições de um povo ou comunidade. Essas expressões podem se manifestar tanto através da música, quanto de outras práticas culturais, como a dança, culinária e artesanato.

¹ Nome dado aos seguidores de Antônio Conselheiro que viviam no Arraial de Belo Monte.

A música, enquanto manifestação cultural, desempenha um papel central na construção e preservação da identidade de um povo (Barbosa, Araújo, 2023). Suas letras, melodias e ritmos dialogam com histórias, sentimentos e vivências coletivas, constituindo-se como um elemento formador de memória e pertencimento.

Partindo desse pressuposto, o músico Bião de Canudos aparece como um importante mediador cultural, ou seja, um agente que atua para viabilizar relações e convivência entre sujeitos e contribui para a produção de sentidos e significações culturais. O mediador reforça valores compartilhados entre as pessoas (Perrotti, Pieruccini, 2014). As composições de Bião não apenas resgatam elementos da história local, mas também reinterpreta e atualizam memórias coletivas.

A memória coletiva refere-se ao conjunto de lembranças e sentidos compartilhados por um grupo social, que são transmitidos principalmente pela tradição oral, incluindo mitos, genealogias e saberes práticos. Para Gondar (2008), a memória coletiva funciona como um patrimônio simbólico que une os membros de uma sociedade e permite a continuidade da identidade coletiva.

É nesse contexto de patrimônio simbólico e tradição oral que se insere o objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso: os álbuns "*Canta Canudos*" (2002) e "*Matuto do Cocorobó*" (2006), do cantor e compositor Bião de Canudos, artista que construiu a sua carreira a partir de elementos da cultura popular da cidade. Ambas as obras, compostas por 21 canções, destas sendo 20 exclusivamente autorais, conversam com gêneros musicais de tradição no Nordeste, como o forró, o xote e apresentam também elementos semelhantes ao reggae, gênero musical que nasceu em um contexto de sofrimento e luta.

O Reggae exemplifica como a música pode ser um meio de resistência, conscientização e construção de identidades coletivas (Zuazo, Marotti, 2008). Ao incorporar elementos do Reggae como a melodia, ritmo e letras com temas como amor e justiça social, Bião dialoga, em suas canções, com uma tradição musical que atua como instrumento de afirmação cultural e pertencimento social.

O interesse em estudar Bião de Canudos e suas composições musicais nasceu durante a minha participação como monitor voluntário no projeto de extensão "Eufonia", coordenado pela professora Fabíola Moura, no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, do Departamento de Ciências Humanas III, da UNEB. Entre os meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023, a coordenação propôs a produção de um

programa temático especial, com liberdade para escolher uma pauta que tivesse relevância cultural, social ou histórica.

Escolhi como tema geral a cidade de Canudos-BA. Durante o início da pesquisa, ao buscar possíveis recortes, o cancioneiro popular da cidade se destacou. Notei que, apesar da produção historiográfica sobre Canudos, a dimensão musical da cidade permanecia em segundo plano nos estudos da academia.

Bião de Canudos se apresentou com destaque. Suas composições, que documentam a história da cidade, mostram um olhar profundo sobre a vivência local. Ao longo das entrevistas com pesquisadores sobre Canudos, como João Ferreira Damião, João Batista Lima, Antônio Olavo, Gereba Barreto e Pingo de Fortaleza, ficou evidente que a obra de Bião possui uma importância singular e é um relevante elemento da memória da cidade.

As canções de Bião de Canudos refletem de modo profundo o cotidiano do sertão, articulando a vida das pessoas comuns com os elementos culturais e históricos da região. Suas composições abordam personagens típicos como parteiras, benzedeadas, pescadores e doceiras, além de manifestações culturais como a Festa de Reis e a devoção a Santo Antônio, compondo assim um panorama vívido das tradições locais (Lima, 2024). Essa relação com a natureza, o povo e o sertão se tornam fonte de inspiração para Bião, cujas músicas funcionam como relatos que preservam e transmitem as memórias do lugar.

Além disso, as canções não apenas narram histórias, mas também configuram um espaço de memória coletiva que fortalece a identidade local, promovendo um sentimento de pertencimento entre seus habitantes. Por meio da oralidade e da musicalidade, Bião constrói um diálogo entre as vivências cotidianas e a história traumática do genocídio que marcou Canudos, reapropriando narrativas que, por vezes, foram silenciadas ou esquecidas pela historiografia tradicional. Desta forma, a obra musical se insere como um elemento fundamental no processo de construção e manutenção da memória cultural da comunidade (Lima, 2024).

1.2 Breves apontamentos sobre a história de Canudos

O Genocídio contra Canudos foi um conflito armado ocorrido entre 1896 e 1897, no sertão da Bahia, envolvendo as forças policiais da Bahia, o Exército Brasileiro e os seguidores de Antônio Conselheiro, líder religioso que havia fundado o Arraial do Belo Monte, em 1893 (Moreira, Costa, 1996). A comunidade atraía sertanejos pobres e marginalizados, que viam no local um espaço de acolhimento e resistência frente às injustiças sociais da recém instaurada República (Nascimento, 2020). A consolidação do arraial foi vista como uma ameaça à ordem estabelecida, o que levou o governo brasileiro a organizar quatro expedições militares para destruí-lo.

O Arraial era hostilizado pelos coronéis e latifundiários da Bahia e também pela Igreja Católica desde a sua fundação, em 1893. Três anos mais tarde, para finalizar a construção da Igreja do Bom Jesus, a Igreja Nova, do Arraial, Antônio Conselheiro encomendou uma carga de madeira em Juazeiro-BA. Apesar de ter sido pago, o material não foi entregue no prazo estabelecido entre as partes. Alguns moradores da vila resolveram, então, buscar a compra pessoalmente. A informação chegou aos ouvidos do juiz da comarca local, Arlindo Leone, que alertou as autoridades que os conselheiristas iriam invadir a cidade (Moreira, Costa, 1996).

Leone emitiu um ofício ao Governador Luíz Viana para solicitar o envio de tropas para conter “a invasão” e foi atendido. O primeiro confronto entre conselheiristas e as forças militares aconteceu em novembro de 1896, em Uauá-BA. Com a surpresa que a força de resistência conselheirista demonstrou, o governo organizou, então, a segunda expedição, enviada em janeiro do ano seguinte para tentar pôr fim ao Arraial de Belo Monte (Nascimento, 2020).

Apesar do aumento no número de combatentes, armas e suprimentos em relação à primeira, a segunda expedição sequer conseguiu chegar à vila. Os militares foram surpreendidos pelos sertanejos na serra do cambaio, distante alguns quilômetros do Arraial. As tropas foram novamente derrotadas e a pressão sobre o Governo Federal cresceu diante da ameaça que Canudos representava para a recém instaurada República (Nascimento, 2020). O Governo Federal tinha medo de que Canudos pudesse vir a ser a raiz de novos levantes contra a jovem República (Nascimento, 2020), proclamada há menos de uma década. Além disso, ressalta-se

que o regime republicano ainda buscava apoio popular para se estabelecer e, quando não conseguia, para demonstrar poder, fazia uso da força.

A terceira expedição enviada a Canudos também foi maior que a segunda. Além disso, o coronel Antônio Moreira César foi escolhido para comandar as tropas por já possuir experiência de combate em repressões populares (Moreira, Costa, 1996). Apesar do conhecimento de combate e do aparato bélico, os militares sofreram muitas baixas. Moreira César foi morto junto com o Coronel Pedro Nunes Tamarindo e os militares fracassaram mais uma vez (Moreira, Costa, 1996).

A derrota da terceira expedição gerou um clima de pânico a partir do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. As repercussões negativas geradas pela derrota na terceira expedição fizeram com que o o Governo Federal e o da Bahia somassem recursos para levar à Canudos a maior força de guerra possível (Nascimento, 2024). A estratégia bélica também foi modificada e as tropas foram divididas em duas para cercar o Arraial.

Mesmo com todo poder de fogo levado à Canudos, as tropas ainda encontraram inúmeras dificuldades para conseguir derrubar o Arraial. A situação se agravou e os objetivos da expedição foram ameaçados. Esse contexto pressionou o Governo para que, passados alguns meses de batalhas, fossem enviadas novas tropas ao sertão para repor as perdas. O então ministro da Guerra do Brasil, Marechal Carlos Machado Bittencourt, foi ao Sertão pessoalmente para auxiliar o exército (Nascimento, 2024).

Os conselheiristas resistiram à força imposta pelo Estado da Bahia e Governo Federal, mas não conseguiram vencer a quarta expedição e o genocídio contra Canudos foi concluído. O massacre foi encerrado no dia 5 de outubro de 1897 (Cunha, 2014).

Essa violência estatal foi além de um confronto bélico entre forças equivalentes e se configurou como uma repressão autorizada e sistematizada contra um povo que lutava contra a submissão política e tributária. Além disso, o relato presente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, (2014) mostra a dificuldade de traduzir em palavras as barbaridades cometidas em Canudos e afirma que o episódio não pode ser reduzido a um conflito militar, mas deve ser compreendido como um crime de guerra e um genocídio (Szachnowski, Araújo, 2019). Delimitar o

conflito como genocídio e massacre permite uma compreensão da violência e afasta a neutralidade implícita no termo “guerra”.

Com a destruição do Arraial de Belo Monte, os poucos sobreviventes se dispersaram e só voltaram a se fixar na região em 1909, dando início ao que se chama de segunda Canudos (Geraldo et al., 2024). A nova comunidade recebeu a visita do presidente Getúlio Vargas na década de 1940. Relatos apontam que, sensibilizado pelas histórias dos moradores, Vargas questionou sobre o que poderia ser feito para ajudar o local e as lideranças da nova vila pediram um açude (Nascimento, Albuquerque, 2014).

Os estudos e especulações sobre a construção do açude no local remontam ao período do Estado Novo (1937-1945), sob o governo Vargas, mas a obra só se materializou mais tarde. O açude de Cocorobó foi construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), entre 1951 e 1968. Segundo dados do DNOCS (2023), entre 1951 e 1968 foram realizados cerca de 600.000 m³ de aterro, aproximadamente 48% da obra. Em 1967, foi completado o restante, cerca de 650.000 m³ de aterro compactado, até atingir o volume final.

Com a conclusão da barragem, em meados de 1968, as águas do Cocorobó começaram a encher e atingiram o reservatório que cobriu parte da área onde se situava a segunda Canudos, inclusive parte das ruínas do antigo Arraial e as construções da nova Vila (Geraldo et al., 2024). Esse processo fez com que os moradores se deslocassem. Os que ficaram fundaram uma nova povoação aos pés da barragem. Em 1985, a vila conseguiu se emancipar de Euclides da Cunha-BA e passou a se chamar Canudos.

1.3 Problema e objetivos

Diante do que foi apresentado, considerando as articulações entre história, manifestações culturais, música e memória, este Trabalho de Conclusão de Curso parte do seguinte problema de pesquisa: de que maneira os álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006), do músico Bião de Canudos, abordam e contribuem para a construção da identidade, cultura e memória Canudense? Com efeito, a análise se concentra em compreender de que forma essas obras musicais colaboram nesse processo de preservação identitária e cultural de Canudos.

Para buscar responder ao problema de pesquisa deste TCC, temos o seguinte objetivo geral: *Desenvolver uma narrativa longform que reflita sobre a contribuição da obra de Bião de Canudos, especialmente a partir dos álbuns "Matuto Cocorobó" (2006) e "Canta Canudos" (2002), para a construção da identidade canudense.* Além dele, temos outros cinco objetivos específicos: a) *identificar nas letras dos álbuns "Matuto do Cocorobó" (2006) e "Canta Canudos" (2002) possíveis contribuições para a constituição da identidade canudense;* b) *relacionar essas contribuições com as principais motivações de Bião e referências culturais de Canudos;* c) *comparar os dois álbuns quanto a foco temático, narrativas e imagens do território, destacando continuidades e mudanças na construção musical da obra de Bião;* d) *verificar como as músicas, enquanto manifestações culturais, podem se constituir como elementos de preservação de memória, cultura e identidade e;* e) *Compreender o processo de emergência e constituição da guerra de Canudos.*

A escolha da *longform* para abordar e explorar a temática proposta dá-se devido ao fato de ser um formato de fôlego que combina apuração extensiva, organização narrativa e linguagem cuidadosamente trabalhada. A *longform* combina apuração extensa com uma experiência de leitura contínua e imersiva no ambiente *web*, articulando texto, foto, áudio, vídeo, dados e visualizações em fluxo único.

A "animação" dessa narrativa ocorre quando técnicas clássicas (cena, personagens, ponto de vista, descrição) são executadas por múltiplas mídias (Jacobson et al., 2016). No webjornalismo, essa escolha dialoga com características estruturantes do meio, como hipertextualidade, multimídia, interatividade e personalização, que reconfiguram a estrutura da notícia e ampliam a profundidade do relato (Canavilhas, 2014).

Assim entendido, este memorial, como espaço descritivo e analítico, está dividido em um conjunto de seções. Após essa introdução, são apresentadas as justificativas do estudo e produto desenvolvido. Na sequência, é realizada uma discussão sobre os principais conceitos abordados neste trabalho. Mais a frente, são descritos os procedimentos e percursos metodológicos relativos à pesquisa e ao produto. Em seguida, são descritos e refletidos os processos de desenvolvimento da *longform*. Por último, são apresentadas as conclusões da investigação desenvolvida.

2 JUSTIFICATIVAS

O músico Bião de Canudos é intérprete e compositor do Hino oficial de Canudos. Ele também compôs diversas canções que fazem parte do “Cancioneiros de Canudos”, uma série de poemas musicados produzidos por diversos autores ao longo da história da cidade e que falam sobre o local. O músico pode ser classificado como um mediador cultural, isto é, alguém que facilita o acesso a uma cultura ou a elementos culturais, tendo como base as reflexões sobre o conceito em Rasteli e Cavalcante (2014).

Suas músicas resgatam e dialogam com a memória coletiva canudense. A análise dos álbuns “*Canta Canudos*” (2002) e “*Matuto do Cocorobó*” (2006), que somam 21 músicas, permite investigar como a arte é utilizada para valorizar o patrimônio cultural. Para Racioli (2024), essas canções surgem como uma forma de resistência cultural e preservação de tradições.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo se justifica pela contribuição aos campos da comunicação e dos estudos da identidade cultural. Também tem contribuições para o campo da memória e cultura, assim como para o jornalismo, especificamente para o jornalismo cultural.

O trabalho contribui para o campo da comunicação, principalmente do jornalismo cultural, ao ter como foco uma história que não está no circuito hegemônico da produção noticiosa e trazer uma narrativa sertaneja com pouca visibilidade. Nesse sentido, a presente proposta, desenvolvida em formato de *longform*, exerce curadoria, oferece contexto histórico através dos diversos formatos de mídia utilizados e traz apuração em profundidade para atualizar funções centrais do campo do jornalismo cultural — informar, interpretar e valorar (Piza, 2004).

No campo dos estudos de identidade, o trabalho se destaca por analisar como a música de Bião de Canudos funciona como expressão cultural e instrumento de pertencimento coletivo, reafirmando vínculos com o território e a memória social (Hall, 2006). Além disso, ao relacionar obra artística e identidade local, amplia-se a compreensão de como manifestações culturais atuam na preservação e construção simbólica das comunidades (Barbosa, Araújo, 2023).

Este trabalho contribui para o campo da cultura ao documentar e interpretar um repertório musical que atua como patrimônio cultural e imaterial de Canudos,

combinando memória, identidade e território. Ao transformar as músicas de Bião em fonte, a pesquisa realiza identificação, registro e valorização, conforme diretrizes de salvaguarda do patrimônio imaterial (UNESCO, 2003).

A pesquisa pretende aprofundar a relação entre música e formação identitária, especialmente em contextos marcados pela oralidade, como a memória da segunda Canudos, construída pelos sobreviventes do genocídio do final dos anos do século XIX. O novo povoado surgiu sobre as ruínas do Arraial e às margens do rio Vaza Barris no ano de 1909. O território do povoado pertencia ao município de Monte Santo e durante a década de 1930 passou a ser um distrito do Cumbe, atual cidade de Euclides da Cunha-BA (Marinho, 2021). Há uma dificuldade em se escrever sobre a segunda Canudos, porque a produção científica sobre o local durante aquele período é escassa, bem como a produção historiográfica (Marinho, 2021).

Este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser também uma forma de aprofundar o debate sobre produção jornalística e memórias locais no curso de Jornalismo em Multimeios do DCH III - UNEB. Outros TCCs já abordaram temas como memória, história e identidade, no entanto, conforme levantamento realizado no repositório de trabalhos acadêmicos do curso², não foram encontrados registros de projetos que abordassem a história e/ou a cultura de Canudos.

Dessa forma, este trabalho também possui o potencial de fortalecer a cultura e reconhecer a música como instrumento de preservação da memória coletiva. Ao valorizar a obra de Bião de Canudos, a pesquisa contribui para o fortalecimento da cultura local e reforça a importância de um povo contar sua própria história, algo que para Almeida (2024) valoriza a identidade.

A história de Canudos é importante para entendermos os conflitos sociopolíticos e econômicos do Brasil no século XIX, destacando os conflitos entre a recém instaurada República e as comunidades sertanejas marginalizadas (Geraldo et al., 2024). A comunidade formada por Antônio Conselheiro e o massacre promovido pelo Governo Federal na sequência refletem as contradições do coronelismo, as desigualdades regionais e a exclusão no Nordeste brasileiro, principalmente no Sertão (Araújo Sá, 2011). Dessa forma, Canudos é um ponto

² Conforme observado a partir do acesso ao portal Saber Aberto. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/collections/4df0e545-ea42-45a6-b232-f1d89a277c49> Acesso em: 18 set. 2025.

importante para interpretarmos os desafios históricos e contemporâneos do Brasil. Por isso, é necessário abordar relatos e expressões regionais, valorizar as narrativas locais, especialmente aquelas transmitidas através da oralidade e da música para garantir a pluralidade de vozes sobre o passado.

Pessoalmente, este Trabalho de Conclusão de Curso ganha um peso ainda mais significativo. Como nascido e criado em Canudos, trago uma relação de afeto e identidade com o objeto de estudo. Cresci ouvindo as músicas de Bião e reconheço nas letras as tentativas de manter viva a memória da cidade. Pesquisar sobre essa produção musical é também uma forma de valorizar a minha própria história e comunidade, além de ser instrumento de reafirmação e orgulho da minha origem.

Como canudense, cresci conhecendo as histórias da primeira e da segunda cidade que Bião traz em suas músicas. Entendo que a memória coletiva do meu lugar, marcada por uma história de resistência, encontra nas expressões culturais, como a música, uma forma de continuar (re)existindo. Ao escutar as canções de Bião, é possível perceber, além dos relatos sobre o passado, afirmações de identidade que ligam a história de outros tempos com o presente.

Bião de Canudos também foi parte importante da minha formação cultural de forma geral. O músico, sempre presente nas festas tradicionais da cidade, como a Alvorada e a Trezena de Santo Antônio, da Igreja Católica, sempre esteve próximo de mim como frequentador dessas festas. Ao cantar as músicas dele junto de outras centenas de pessoas nessas celebrações, sentia que aquilo me gerava uma sensação de pertencimento e unidade: uma identidade canudense.

Apesar da importância histórica de Canudos para o Brasil, o conhecimento sobre sua cultura tende a se restringir à memória do arraial liderado por Antônio Conselheiro e da guerra. O olhar somente para a história da guerra pode limitar a identidade canudense em um passado de conflito e resistência, e isolar outras formas de expressão cultural que surgiram com o passar do tempo.

A redução da cultura de Canudos a um evento histórico específico gera o risco de congelar a identidade local em uma representação incompleta. É nesse contexto que a música de Bião se torna importante, ao resgatar uma memória coletiva e mostrar que Canudos produziu outros movimentos.

A escolha do formato *longform* como suporte deste trabalho se justifica pela complexidade do tema e pela necessidade de uma narrativa aprofundada que dê

conta dos detalhes abordados. O *longform* é um modelo narrativo capaz de se aprofundar em temas tratados neste trabalho, como questões identitárias e memórias coletivas, e proporciona um espaço de experiência imersiva, elemento importante para o engajamento do leitor (Longhi, Winqes, 2015).

O *longform* e suas versões multimodais, com textos, podcasts, minidocs, infográficos, fotos e vídeos — principais formatos desenvolvidos neste trabalho — têm se estabelecido no jornalismo digital por explorar diferentes modos de expressão (Longhi, Winqes, 2024). O formato permite combinar diversos tipos de mídias digitais, resultando em reportagens hipermídias e, no caso deste trabalho, é utilizada, a partir de seus recursos, como base para a produção de conteúdos que visam valorizar e preservar a memória coletiva e a identidade local (Baccin, 2017).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Identidade ou identidades?

O conceito de identidade é fundamental para compreendermos os processos sociais e culturais contemporâneos. A identidade não é entendida como algo fixo ou que possui uma essência, mas como uma construção histórica e social formada entre as relações de poder e os processos de representação. As identidades são múltiplas, divididas e podem ser transformadas a partir dos contextos nos quais os indivíduos estão inseridos (Tilio, 2009).

A partir desse conceito, a identidade deve ser entendida como um processo e não como algo natural e permanente (Cuche, 1999). Ela se constitui por meio das interações sociais e discursivas dos grupos e está em movimento e passível de contradições. Como vimos e somos vistos pelos demais, ocupa um papel fundamental na formação da identidade, pois as representações que temos sobre nós mesmos dependem também das representações que os outros produzem sobre nós (Cuche, 1999).

Com a globalização, o debate sobre identidades se tornou mais complexo, pois elas passam a ser atravessadas por elementos locais e globais. A globalização não elimina as singularidades culturais, mas cria uma tensão nos indivíduos que os faz negociar constantemente entre particularidades e universalidades (Neves, 1998). A identidade é um espaço de resistência e afirmação das diferenças, ao mesmo tempo que dialoga com as transformações mais amplas da sociedade (Neves, 1998).

Barros (1999) destaca que a identidade cultural é resultado da diversificação das experiências sociais e dos sistemas de representação, que são compartilhados por indivíduos e grupos em contextos específicos. Segundo ele, a identidade é construída através de processos de socialização e é influenciada por padrões, normas e valores que emergem das relações sociais.

A identidade cultural também pode ser compreendida como uma construção contínua que está situada nas relações entre memória, espaço e experiência (Hall, 2006). O território, entendido como um local concreto onde as práticas sociais acontecem, exerce um papel importante sobre o sentimento de pertencimento dos

indivíduos a um grupo cultural. Quem reforça o conceito de território é Santos (1999), ao afirmar que o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência. Nesse sentido, Santos (1999) reforça que o território deve ser visto como o ponto de encontro das ações humanas, um espaço onde forças, afetos, conflitos e fragilidades se somam, e no qual a história é realizada por meio das manifestações de existência.

A constituição de identidades culturais regionais a partir da produção musical é debatida em larga escala na academia, de modo que muitos pesquisadores têm contribuído para os estudos acerca desse tema. Para Moura (2010) a música serve como uma forma de expressão pessoal e de grupo, ajudando as pessoas a se identificarem umas com as outras e a se integrarem socialmente. Isso facilita a formação de laços sociais e a construção de uma identidade social, que complementa e enriquece a identidade pessoal.

3.2 Região e música regional

Antes de falarmos sobre música regional, é preciso compreender o significado de região. Para Bezzi (2002), região é um conceito multifacetado que se refere a um conjunto específico de relacionamentos culturais entre um grupo social e um determinado lugar. A região é entendida como uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por esse grupo, que se torna um elemento constitutivo da identidade regional. Essa identidade é formada por meio das percepções, significações e práticas sociais que os habitantes desenvolvem em relação ao seu espaço vivido.

A autora destaca que a região não deve ser vista apenas como uma delimitação geográfica, mas sim como um espaço onde as interações sociais e culturais ocorrem, moldando a experiência coletiva dos indivíduos. Assim, a região é um produto real e concreto, vivida e apropriada por seus habitantes, diferenciando-se das demais regiões principalmente pela identidade que lhe é conferida pelo grupo social que a habita.

Para Bourdieu apud Pozenato (2001), a região é objeto de lutas entre diferentes campos científicos, não somente a geografia, mas também a história, etnologia, economia e sociologia, especialmente em contextos de política de regionalização e movimentos regionais. Bourdieu apud Pozenato (2001) destaca ainda que a região não é uma realidade natural, mas uma construção simbólica, dependente da linguagem e das relações sociais que a definem. Portanto, a região é uma construção social, resultado das lutas políticas e discursivas no campo científico e social.

O conceito de região cultural é debatido como uma construção simbólica, não uma realidade, nem um espaço geográfico. Região é entendida como uma condensação de espaço cultural usada pelos indivíduos para construir identidades regionais, atribuindo sentido identitário a esses espaços (Matte, Santos, 2016). Além disso, a região é configurada pela prática das regionalidades, que são especificidades culturais, sociais e históricas que distinguem uma região de outras. A partir desse conjunto de regionalidades, os habitantes se identificam e constroem suas identidades regionais.

Identidades culturais são sempre resultados de processos de representações. Hall (2006) aponta que as culturas nacionais, por exemplo, funcionam como sistemas de significados que produzem sentidos de pertencimento e estruturam identidades coletivas. Essas são produzidas a partir de narrativas, memórias e símbolos compartilhados. Da mesma forma que a nação é uma “comunidade imaginada”, a região e a identidade regional também podem ser pensadas como frutos de narrativas sociais que criam o sentimento de continuidade, tradição e unidade, mesmo que cortadas por contradição e diferenças internas (Hall, 2006). Portanto, a região, culturalmente falando, representa uma prática discursiva que une diferenças e proporciona união simbólica a vários grupos sociais.

Dias (2009) afirma que as músicas regionais, por sua vez, desempenham um papel crucial na formação e fortalecimento da identidade regional. A música, enquanto fenômeno cultural, deve ser vista não apenas como um produto de entretenimento, mas também como um meio de representação da realidade sociocultural e um espaço para constituição de identidades culturais.

A música popular, especialmente no Brasil, é um importante instrumento de preservação coletiva e construção identitária coletiva (Frazão, 2023). As canções

podem estabelecer conexões entre a tradição popular e a modernidade e servem como um meio de expressão dinâmico. Para Frazão (2023), a análise das canções também permite compreender como as obras musicais carregam aspectos que mantêm vivas as tradições, enquanto conversam com questões sociais e políticas.

A música e a poesia popular, especialmente no contexto nordestino, atuam como veículos de preservação da memória coletiva de um povo. Essas tradições transmitem de forma oral os saberes, valores e experiências vividas pelas comunidades (Leonardeli, 2020).

3.3 Entendimentos sobre cultura

O debate histórico sobre culturas populares foi iniciado com estudiosos da literatura e do folclore e focou em manifestações como a literatura dos mascates e as tradições camponesas. Nas ciências sociais, duas ideias têm destaque: a primeira, que entende as culturas populares como derivadas e empobrecidas em relação à cultura dominante; e a segunda, que defende a autonomia e até a superioridade das culturas populares diante da cultura das elites sociais (Cuche, 1999).

Cuche (1999) afirma que a realidade das culturas populares é mais complexa e não pode ser reduzida a extremos. Elas não são nem inteiramente dependentes, nem autônomas; nem imitação, nem criação. As culturas populares são formadas por elementos originais e importados, invenções e empréstimos culturais que se manifestam em grupos sociais subalternos em situações de dominação.

Além disso, o conceito de cultura pode ser entendido como um modo de vida compartilhado, que se constrói nas relações sociais e nas práticas cotidianas de uma comunidade (Williams, 2011). A cultura não é um conjunto fixo de objetos ou símbolos isolados, mas um processo dinâmico que envolve as ações, relações e experiências vividas pelos indivíduos enquanto membros de um grupo social. Assim, as práticas culturais cotidianas, desde formas de comunicação até os costumes e valores compartilhados, são as bases sobre as quais surge a identidade coletiva.

A cultura pode ser compreendida também como um sistema complexo de símbolos e significados que as pessoas criam e interpretam para dar sentido às suas experiências pessoais e ao mundo ao redor delas (Geertz apud Silveira et al, 2023).

Geertz apud Silveira et al. (2023) entende que o ser humano vive em sistemas de significados que ele mesmo construiu, demonstrando que a cultura não é algo fixo e natural, mas um conjunto construído de interpretações e práticas compartilhadas em um grupo social.

3.4 O papel da memória para a construção da identidade

Dentro dos debates sobre memória, Barros (1999) afirma que a memória é um processo cultural que envolve a lembrança e a reconstrução do passado, sendo fundamental para a identidade cultural de indivíduos e grupos. A memória é vista como um reservatório que junta processos de identidade e identificação, sendo um trabalho contínuo de reconstrução do passado, ressignificação do presente e antecipação do futuro. Esse autor enfatiza que a memória não é estática, mas dinâmica e seletiva, influenciada pelas estruturas culturais, políticas e econômicas.

Ao tratarmos a memória como um reservatório, é primordial a compreensão de que os conteúdos não podem ser resgatados a qualquer momento. Pelo contrário, é importante o entendimento de que algumas relações estão vinculadas com a questão da memória, e o esquecimento, por exemplo, é uma delas. Então, buscar algo nesse reservatório não garante que o que se procura será necessariamente encontrado, pois o acesso às lembranças depende de várias condições.

A memória coletiva, a seu turno, é entendida como um fenômeno que surge das relações sociais e dos significados compartilhados pelos grupos e se constitui como aquilo que os grupos fazem do passado vivido. Essa memória é elaborada e transmitida por diversos grupos sociais, por meio de símbolos, celebrações, documentos e outros suportes culturais — como a música — que configuram os “lugares de memória” (Gondar, 2015). Essa perspectiva ressalta que a memória coletiva é um processo dinâmico e vivo, diretamente ligado à identidade social dos grupos, que recriam de forma contínua o pertencimento.

A memória coletiva, para Halbwachs (1990), entende a lembrança como um fenômeno essencialmente social, pois só é possível recordar nos quadros de referência fornecidos pelos grupos dos quais o indivíduo participa. A memória individual se apoia e se estrutura a partir da memória coletiva, que envolve

experiências e representações compartilhadas no interior de uma comunidade. Essa memória é transformada conforme as modificações dos grupos e de como esses reinterpretam o passado a partir das necessidades e sentidos do presente.

A memória coletiva mantém uma visão do grupo como um todo persistente, ressaltando as semelhanças internas e transformações nos seus contatos sociais, diferente da memória histórica, que registra transformações observadas internamente (Halbwachs, 1990). Os “lugares de memória” dialogam com essa abordagem, por serem espaços simbólicos e culturais onde se fixam essas memórias coletivas e funcionam como mediadores entre o passado e o presente.

Os “lugares de memória”, conceito acima citado, são espaços que ultrapassam a materialidade para englobar significados simbólicos e funcionais atribuídos pelos grupos sociais. Eles surgem e são mantidos pela vontade coletiva que busca fixar e transmitir identidades (Nora, 1993). Esses lugares apresentam uma natureza dupla: apesar de estarem fixados em uma historicidade concreta, permanecem abertos a diferentes interpretações que se renovam constantemente, fazendo com que eles sejam mediadores entre memória e história (Nora, 1993).

Dessa forma, os lugares de memória funcionam como instrumento de recordação e espaços de reflexão crítica do passado. Além disso, possibilitam uma compreensão de como os grupos socializam suas memórias, enfrentam o esquecimento e negociam processos identitários diante de contextos históricos em transformação (Nora, 1993).

O sentimento de pertencimento é fundamental para a construção da identidade. Esse sentimento está ligado ao reconhecimento mútuo entre os membros de um grupo social. De acordo com Moriconi (2014), para que uma pessoa se sinta pertencente, é preciso que ela se veja e seja vista pelo grupo, criando uma conexão que vai além da presença física e envolve experiências que tocam e transformam a pessoa. Esse vínculo possibilita o desenvolvimento de um enraizamento territorial e social, incentivando sentimentos de cuidado, respeito e responsabilidade com a comunidade.

Parte essencial da identidade canudense e da memória coletiva canudense é o episódio do genocídio de Canudos, que foi um conflito militar ocorrido entre 1896 e 1897 no Sertão da Bahia. O episódio se constitui como um dos conflitos civis mais violentos da história do Brasil. Milhares de sertanejos, ex-escravos e camponeses

empobrecidos, liderados por Antônio Conselheiro, formaram uma comunidade auto-organizada, conhecida como Belo Monte. Essa comunidade possuía uma forte ideologia religiosa e de resistência, junto de um movimento messiânico e de caráter anti parlamentar, que representavam uma ameaça à recém estabelecida República (Moreira, Costa 1996).

O episódio foi marcado por quatro expedições militares enviadas pelo governo republicano de Prudente de Moraes, apoiadas pelo Exército, que tinha como objetivo destruir Canudos. Apesar das investidas das forças governamentais, os sertanejos resistiram, utilizando estratégias de guerrilha e ancorados na fé. Esse fenômeno de resistência contrastava com as versões oficiais que os rotulavam como fanáticos religiosos e jagunços violentos (Moreira, Costa, 1996). Somente após a quarta expedição, que contou com cerca de 10 mil soldados e armamentos pesados, a resistência dos sertanejos foi vencida.

Por volta do ano de 1910, alguns sobreviventes do massacre formaram a segunda Canudos, que ficava localizada sobre as ruínas da comunidade de Belo Monte. Em 1940, com a visita do presidente Getúlio Vargas, houve uma proposição de que se construísse uma barragem e um açude no local. As obras tiveram início em 1950 e, a partir de então, muitos dos habitantes começaram a partir para outros locais como Bendegó, Uauá, Euclides da Cunha e Feira de Santana (Fonseca, 2024).

Aos pés da barragem, em uma fazenda denominada Cocorobó, começou a se formar a terceira Canudos. Com o término das obras, em 1969, e o início das chuvas na região, o local onde ficava a segunda Canudos desapareceu sob as águas do Açude de Cocorobó (Fonseca, 2024). As memórias do local, no entanto, permaneceram por meio não apenas dos registros históricos, mas também dos registros e manifestações orais, que passadas por gerações, foram contadas, musicadas e ressignificadas, resistindo às transformações e intempéries do tempo.

3.5 Longform como suporte

O formato do produto escolhido para desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso é a narrativa *longform*. De acordo com Baccin (2017), a narrativa *longform* se apresenta como uma resposta à lógica informativa acelerada e superficial que

predomina no jornalismo digital e contemporâneo. Essa narrativa oferece uma experiência rica de significados. Ao somar texto, som, imagem e vídeo, o formato permite ao leitor mergulhar na história de forma mais completa. Devido ao tema desta pesquisa exigir aprofundamento e contextualização de algumas áreas, esse formato aparece como o mais adequado.

As reportagens *longform* se constituem em um espaço onde as práticas jornalísticas foram modificadas. Elas combinam elementos de narrativa que vão além da simples mudança do conteúdo para o digital, “mas a novidade também está no formato” (Baccin, 2017), que agora também conta com novos recursos. A *longform* explora a capacidade que o meio digital tem para oferecer “[...] contextualização e humanização do assunto [...]” (Baccin, 2017), devido à ausência de limitação do espaço físico ou temporal e à possibilidade de falar de forma mais profunda sobre um tema.

Além disso, o formato permite integrar os conteúdos multimídia de forma coesa, de uma maneira que ajuda a compreender melhor o assunto e aumenta o interesse do público. Segundo apontam Longhi e Winkes (2015), o jornalismo *longform* não fica limitado ao texto extenso, mas geralmente incorpora elementos hipermidiáticos. No caso deste trabalho, alguns deles são: infográfico sobre a história de Canudos, tocadores e *playlists* com as músicas de Bião, fotografias, mapas interativos, vídeos, áudios e podcast.

Esses elementos complexificam a experiência narrativa e aumentam as possibilidades de exploração do tema. A variedade de recursos permite que o leitor tenha uma percepção mais completa do assunto abordado. Além disso, Falco (2021) destaca que essas reportagens revelam detalhes que dificilmente seriam captados em formatos mais curtos ou na cobertura tradicional de *hard news*, adotando uma abordagem mais subjetiva sobre o tema.

A narrativa *longform* representa uma boa oportunidade para trabalhar o jornalismo cultural, ao ampliar as possibilidades de contar histórias sobre manifestações artísticas, expressões locais e fenômenos simbólicos com profundidade. Ao contrário dos formatos tradicionais de jornalismo, o *longform* permite a produção cultural em diferentes dimensões. Conforme Baccin (2017), esse formato rompe com a lógica da superficialidade e oferece uma experiência rica de significados.

No campo do jornalismo cultural, essa característica se torna ainda mais relevante, pois as produções culturais como teatro, literatura e, no caso deste trabalho, a música, exigem contextualização e leitura sensível de seus sentidos. A ausência de limitações espaciais e temporais, destacada por Baccin (2017), possibilita explorar as diferentes camadas que atravessam a arte e seus criadores. Aqui, temos a oportunidade de entender como memória e identidade se ligam e também compreender quem é Bião e quais são suas referências para a criação da sua arte.

Dessa forma, o conjunto de conceitos e perspectivas teóricas apresentadas como identidade, memória coletiva, cultura e suas ligações com as manifestações simbólicas, constitui a base essencial para a compreensão do fenômeno investigado. Essas referências orientam a análise das produções musicais de Bião de Canudos, permitindo interpretar como suas canções interpretam o passado e fortalecem a identidade local. Ao fundamentar a pesquisa nessas abordagens, é possível desenvolver uma leitura mais aprofundada sobre as relações que estão presentes entre identidade, cultura, território e memória e oferecer suporte à construção do produto jornalístico e também às reflexões que buscam responder ao problema de pesquisa e cumprir os objetivos propostos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Método de abordagem

Considerando os objetivos deste projeto de pesquisa, escolhi uma abordagem qualitativa para cumpri-los. A pesquisa qualitativa tem como característica principal a busca por uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais dentro do contexto a que elas pertencem, além de evidenciar as particularidades e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos (Cardona, 2007).

Ainda segundo Cardona (2007), a abordagem qualitativa valoriza a flexibilidade e a sensibilidade do contexto e permite retratar os aspectos específicos de uma realidade social complexa, sem a simplificação que acontece em outras metodologias. Dessa forma, a pesquisa qualitativa apresenta um compromisso com a construção de conhecimento que revela os detalhes dos processos sociais, por meio de técnicas que permitem captar as diferentes visões ligadas ao objeto estudado.

Além disso, no campo dos estudos de comunicação, a abordagem qualitativa se mostra fundamental para compreender os diferentes lados das práticas midiáticas e das relações sociais que elas produzem. Conforme Thompson apud Linares e Costa (2019), as perspectivas qualitativas aumentam as possibilidades de acesso às subjetividades individuais, interpretando as mensagens midiáticas como elementos que possuem significados culturais, políticos e sociais. Dessa forma, a pesquisa qualitativa oferece formas para capturar as experiências e posicionamentos dos sujeitos no tempo, espaço e contexto.

No âmbito deste Trabalho de Conclusão de Curso, que investiga como os álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006), de Bião de Canudos, contribuem para a constituição da identidade Canudense, utilizar a abordagem qualitativa é essencial. Isso se dá porque o objeto de estudo envolve significados simbólicos, memórias coletivas e expressões culturais ligadas à história de Canudos. A pesquisa qualitativa, conforme propõe Cardona (2007), permite compreender em profundidade os fenômenos sociais dentro de seu contexto e possibilita captar as percepções, narrativas e sentidos presentes nas músicas de Bião.

4.2 Métodos de procedimento

Para tanto, entre os métodos de procedimento, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, estratégia importante que consiste no levantamento, reflexão e análise crítica sobre fontes, como "livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa" (Bocato apud Souza et al., 2021). Por meio dela, foi possível ampliar o conhecimento teórico e contextualizar o problema investigado, o que permitiu a construção de um referencial forte e atualizado.

A pesquisa bibliográfica permite um contato direto com a produção científica e teórica acumulada. Para Pradnov e Freitas apud Souza et al. (2021), ela possibilita ao pesquisador confirmar a veracidade, coerência e a relevância das informações para apoiar a investigação desenvolvida. Além disso, esse tipo de pesquisa apresenta vantagens como o baixo custo financeiro e a acessibilidade, especialmente com o uso de bases digitais, uma vez que possibilita o acesso a um grande acervo de obras verificadas de forma gratuita (Souza et al., 2021).

É importante destacar que a pesquisa bibliográfica deve ser realizada de forma planejada e organizada, para garantir a qualidade e a relevância do referencial teórico. Segundo Pizzani et al. (2012), a pesquisa bibliográfica não pode ser realizada aleatoriamente, devendo seguir etapas ordenadas para a busca e seleção criteriosa das fontes que vão servir de informação, atendendo com rigor ao objeto de estudo.

A revisão da literatura ou pesquisa bibliográfica, possibilita também aprender sobre a área pesquisada e contribui para a seleção e definição dos caminhos da pesquisa. Além disso, ela ajuda no processo de escrita das partes introdutórias e de discussão do estudo (Pizzani et al, 2012). Essa metodologia foi fundamental para a compreensão dos temas aqui abordados, como identidade, cultura, memória e território, por exemplo, além de possibilitar a compreensão de como esses conceitos aparecem nas músicas de Bião. Para entender a construção das canções, foi fundamental resgatar o que já foi produzido sobre musical regional e a importância do tema para a construção de identidades locais.

Paralelo a esse procedimento, foi utilizada a pesquisa documental, outro método importante para a investigação qualitativa, especialmente quando o

pesquisador quer compreender a realidade social a partir da análise de documentos inéditos ou pouco explorados. Esta pesquisa é realizada através do exame detalhado e repetido de matérias que não receberam tratamento analítico prévio, como registros oficiais, cartas, jornais, entre outros (Kripka et al., 2015).

A análise documental é um método de pesquisa que permite trazer a dimensão temporal aos estudos dos fenômenos sociais e favorece a observação da "evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros" (Kripka et al., 2015). Esse procedimento inclui etapas que envolvem a seleção, classificação, codificação e análise crítica dos documentos, com o objetivo de colher informações importantes para o entendimento do objeto de estudo.

As características da pesquisa documental pedem que o pesquisador tenha um grau mais elevado de atenção ao trabalho, "visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico" (Oliveira apud Sá-Silva et al., 2009). Portanto, a realização da pesquisa documental em um trabalho acadêmico exige que o pesquisador possua um olhar cuidadoso na análise para que as respostas encontradas sejam adequadas àquilo que foi buscado.

A pesquisa documental deste Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada com os materiais fornecidos por Bião, como partituras, manuscritos com esboços das músicas, fotos e afins. Foi importante também analisar os documentos produzidos durante a gravação dos dois álbuns trabalhados neste projeto - "*Canta Canudos*" (2002) e "*Matuto do Cocorobó*" (2006). Ambos os álbuns tiveram José Alex Oliveira como produtor, que gentilmente nos cedeu o que possui como documentos ligados a Bião, como fotos, vídeos, o decreto que oficializa a composição de Bião como hino da cidade, capas dos álbuns, etc. Por meio dessa perspectiva documental, foi possível ter acesso também a jornais antigos que tratam sobre a figura de Antônio Conselheiro e o massacre de Canudos, parte essencial para o trabalho. A utilização desse procedimento de pesquisa possibilitou também o acesso e análise do acervo pessoal que Bião possui, o que contribuiu para a visualização de alguns momentos da vida dele e ajudou na escrita e montagem da narrativa *longform* desenvolvida.

Este projeto também utilizou a Análise do Conteúdo como uma ferramenta metodológica para ajudar tanto no tratamento quanto na interpretação dos dados

coletados nas músicas de Bião de Canudos. A análise do conteúdo é um método de pesquisa que permite interpretar mensagens de maneira clara e precisa, o que possibilita inferências sobre os fatores principais que fazem parte do processo de comunicação (Franco, 2005).

"A análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento [...] da teoria da comunicação" (Franco, 2005, p. 20). O seu ponto de partida é identificar aquilo que foi explicitamente dito ou escrito (conteúdo manifesto) e também os elementos implícitos nas mensagens (conteúdo latente). Realizar essas identificações exige um processo interpretativo fundamentado. Franco (2005) também afirma que essa análise precisa ser mais complexa do que uma descrição, tentando tirar conclusões que vão além do que está no texto, levando em conta as condições sociais, históricas e culturais que a criaram.

Além disso, a Análise de Conteúdo permite também que as informações obtidas sejam organizadas em quadros que ajudam na classificação, agrupamento e interpretação dos dados. Esse processo facilita a construção de hipóteses e a melhor compreensão do objeto de estudo. No caso deste TCC, o método foi aplicado às músicas dos álbuns, a fim de identificar os temas mais frequentes e, a partir daí, construir categorias analíticas. Levando em consideração esse aspecto, após o levantamento de todas as músicas dos álbuns mencionados, assim como das suas transcrições, a Análise de Conteúdo foi aplicado, a fim de se identificar as categorias ou temas mais frequentes das canções, quando se observou a recorrência de três elementos-chave como mais comuns: Território, Festas e Saudade, os quais passaram a se constituir como eixos de análise e também de construção narrativa da *longform*. Articulado a esse processo, esse método foi essencial para a escrita e análise geral sobre os dois álbuns, configurando a construção, mesmo em meio a diferentes temas, de um fio narrativo.

4.3 Técnica de coleta de dados

Na construção desse tipo de pesquisa, que visa o desenvolvimento de um produto - uma *longform* -, o uso da entrevista como instrumento de coleta de dados é essencial. Para Rouchou (2003), a entrevista é um método qualitativo importante para captar histórias, experiências e percepções de forma direta com os sujeitos que

fazem parte do objeto de estudo. No caso deste Trabalho de Conclusão de Curso, Bião, principal fonte, e também historiadores, pesquisadores e pessoas ligadas à cultura e à música em Canudos foram entrevistadas para compreender como a música é utilizada como instrumento de preservação da memória, contação da história e construção de identidade.

Rouchou (2003) descreve que a entrevista atua como mecanismo para reconstruir fatos e apresentar personagens a partir de relatos primários, adaptando o material obtido para o formato e o interesse do público.

Segundo Duarte (2004), a entrevista é um procedimento de coleta que, apesar de ser considerado por alguns pesquisadores como subjetivo e pouco confiável, pode produzir uma grande quantidade de informações importantes quando realizada de forma cuidadosa e com um número adequado de informantes. Outro ponto ressaltado é que o sucesso da entrevista está diretamente relacionado à escolha adequada das categorias de análise. Essas podem ser definidas previamente pelo pesquisador a partir de referenciais teóricos ou surgir durante a análise dos discursos, conforme os conteúdos recorrentes sejam identificados. Esse processo garante que as informações coletadas não sejam apenas ilustrativas, mas parte da construção do conhecimento, valorizando a fala do entrevistado em si.

Para garantir a sistematização e a profundidade na coleta de dados, a entrevista semiestruturada foi utilizada como técnica, cujo roteiro foi elaborado previamente com questões padronizadas que guiaram a interação e possibilitaram flexibilidades para explorar temas que surgissem durante a conversação (Batista et al., 2017). A entrevista semiestruturada exige também um detalhamento cuidadoso do processo metodológico, que passa pela elaboração e testagem do roteiro, contato com os participantes, transcrição e análise dos dados para garantir o rigor da pesquisa (Batista et al., 2017). Para a composição dos conteúdos da narrativa *longform*, a entrevista foi uma estratégia amplamente utilizada, com exceção da produção do minidoc apresentado na parte “A voz de Canudos”, que não teve as suas perguntas previamente definidas, se pautando em uma perspectiva mais aberta.

Partir de um roteiro pré-elaborado para realizar as entrevistas facilitou o processo de coleta de informações, pois permitiu direcionar as conversas para diferentes frentes sem que o tema principal de cada uma fosse perdido. Por

exemplo, na entrevista com Bião sobre a vida pessoal dele, percebi que em muitos momentos ele dava saltos temporais na contação das histórias, e ter o roteiro em mãos ajudou a abordar essa parte de forma mais aprofundada e direcionada, algo que contribuiu para a fluência do processo de escrita diante da quantidade de informações colhidas.

Para a construção de todos os conteúdos do produto aqui descrito foram realizadas 16 entrevistas. Foram duas com Bião (presenciais), uma com João Batista Lima (*on-line*), uma com José Aléx Oliveira — Lequinho — (presencial), uma com João Ferreira (*on-line*), uma com Josemar da Silva Martins (presencial), uma com o Padre Jeferson Pereira (*on-line*), uma com Tobias Queiroz (*on-line*) e uma com Genário Rabelo — Geo — (*on-line*). Os resultados dessas entrevistas aparecem, especialmente, nos textos, áudios e vídeos da *longform*. Para o *podcast*, outro conteúdo explorado dentro da *longform* desenvolvida, os entrevistados foram Matheus Campos e Camily Lopes. Ambas as entrevistas ocorreram *on-line*. Já para a construção do minidoc, as entrevistas foram realizadas com Sávio Lopes, Losgrael Ribeiro, Patrícia Oliveira, Lohanna Alves e Kaila Marcelle todas presenciais.

As entrevistas presenciais realizadas para a construção textual da *longform* foram realizados em locais de escolha dos entrevistados. Nas duas vezes, Bião escolheu fazer no quintal da Pousada Por do Sol, conhecida em Canudos como o hotel de Joselina. A escolha se deu pela ligação afetiva que ele possui com o local e com a antiga dona. A conversa com Lequinho foi realizada no estúdio dele, local das gravações dos dois álbuns de Bião. A realização do minidoc correu na contramão das demais entrevistas. Por conta da espontaneidade da proposição — a ser detalhada mais à frente —, os entrevistados não puderam escolher onde seriam gravados de modo que as entrevistas ocorreram em diferentes espaços como seus locais de trabalho, casas e praças da cidade.

5 DESCRIÇÃO E REFLEXÃO DA PRODUÇÃO - BIÃO: A VOZ DE CANUDOS

A escolha de um produto multimídia como uma *longform* para produzir este TCC faz jus à minha trajetória durante os quatro anos de curso que precederam o início dessa fase. Durante toda a graduação, estive menos ligado à pesquisa e mais à prática. A narrativa *longform* me permitiu sintetizar formatos com os quais tenho muita afinidade, como a fotografia, e outros que pouco produzi, como documentário. A *longform* também possibilitou a abordagem do tema proposto com profundidade a partir da narração dos fatos com riqueza de detalhes.

Minha relação afetiva com Canudos reforça a importância do formato, por permitir ir além do simples relato e trazer detalhes subjetivos, culturais e também valorizar a memória coletiva do lugar. O *longform* oferece uma experiência imersiva e multifacetada que amplia as possibilidades de reter a atenção do público (Longhi, Winkes, 2024).

Ao criar um produto de jornalismo cultural que se aprofunda nas questões tratadas a partir de temas com os quais tenho proximidade afetiva, pude deixar marcas pessoais ao longo de toda a produção. O formato também me possibilitou criar algo que vai resistir à passagem do tempo, diferentemente daquilo que é encontrado em produções jornalísticas convencionais que ficam “velhas” rapidamente.

Bião encontrou nas músicas uma forma de falar sobre Canudos. Eu encontrei em Bião uma forma de também falar sobre a cidade. Ter Canudos como tema guarda-chuva no meu TCC era uma certeza desde o início da graduação e encontrei na obra de Bião essa possibilidade, o que me forneceu um recorte.

5.1 Primeiro passo: Análise de Conteúdo das músicas

Antes de mais nada, é importante falarmos sobre o processo de pré-análise e análise das músicas de Bião, realizada nos primeiros dias de pesquisa para identificar as principais categorias ou temas presentes nas canções. Durante as duas últimas semanas de agosto, as únicas músicas que ouvi foram justamente as

de Bião. Além de ouvir, precisei realizar a transcrição das músicas, uma vez que algumas letras não estavam disponíveis na internet. A partir de buscas, identifiquei que a dissertação de mestrado de João Batista Lima (2024) possui a transcrição de cinco músicas do primeiro álbum de Bião e mais seis do segundo, o que auxiliou o processo. No entanto, em relação às demais, a transcrição foi realizada manualmente.

Esse trabalho de transcrever as canções me fez conhecer todas as 21 obras que compõem os dois álbuns trabalhados neste TCC. Além disso, durante as anotações, foi possível identificar diversos temas, entre eles: valorização de figuras históricas e heróis da cidade; valorização da cidade; sociabilidades e figuras locais; dimensão simbólica e espiritual.

Diante desses temas citados e de alguns outros, três aparecem mais vezes: valorização do território, festas populares e saudades da cidade por conta do processo migratório. Esses três assuntos aparecem isoladamente ou relacionados uns com os outros em 12 diferentes músicas ao longo dos dois álbuns. A saudade aparece em *Longe de casa*, *Belo Monte*, *Pombinha Branca*, *Festa do Rosário* e *Terra querida*; as festas populares estão presentes nas canções *Santo Antonio da Minha terra*, *Festa do rosário* e *Festa do padroeiro*. Já a valorização do território está presente nas obras *Esperança*, *Belo Monte*, *Casa de taipa*, *Atrás da palmeira*, *Matuto do cocorobó* e *Essência*.

Comecei esta descrição a partir da pré-análise das músicas porque esta etapa foi fundamental para o desenvolvimento de todo o restante do trabalho. Com a compreensão dos temas que mais aparecem nos dois álbuns, pude enfim pensar na estrutura e ordem do produto, em quais conteúdos seriam desenvolvidos e como trabalhar diferentes mídias ao longo da *longform*.

A estrutura da *longform* foi pensada inicialmente com nove partes, a saber: 1) abertura; 2) história de Canudos; 3) infográfico com uma linha do tempo sobre Canudos; 4) perfil biográfico sobre Bião; 5) trajetória artística de Bião; 6) análise dos álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006); 7) conteúdo multimídia sobre festas populares; 8) conteúdo multimídia sobre território e; 9) podcast sobre saudades. Com o desenvolver do trabalho, Geilson Fernandes, meu orientador, me propôs condensar saudades, festas e território devido ao prazo de finalização e revisão geral. Depois, sugeriu a adição de outra parte com uma playlist com as

músicas de Bião aqui trabalhadas. Por isso, a versão final da *longform* conta com 8 partes.

5.2 Canudos: a história do lugar

Descobertas as categorias mais presentes nas músicas de Bião e pensada a estrutura do produto, o passo seguinte foi construir a narrativa *longform*. Em suas canções, Bião fala sobre o massacre enfrentado pela população de Belo Monte, sobre Antônio Conselheiro, mas não se prende a isso, ele amplia o leque de referências e nos traz histórias da Pombinha Branca, do início da terceira Canudos e de temas compartilhados no Sertão.

Diante disso, para que o leitor possa entender o que as músicas querem dizer, é necessário que ele saiba a história da cidade de forma geral. Nesse sentido, na primeira parte do produto, após a abertura, é apresentada uma breve história de Canudos. Esse mergulho nas raízes da cidade aparece em “*Canudos: a história do lugar*”. A escolha do termo “lugar” não se deu aleatoriamente. Moreira (2011), defende que “lugar” é uma construção social, marcada pela relação contraditória que se dá entre cooperação e conflito. O lugar deve ser visto como resultado das interações humanas que realizam trocas materiais e imateriais no espaço vivido. É nesse espaço que se materializam as relações sociais basilares ao cotidiano, à solidariedade e à convivência. Belo Monte, a segunda Canudos, a Pombinha Branca e a Canudos atual são espaços construídos material e simbolicamente, locais de relações subjetivas que Bião traduz nas músicas dele, por isso a escolha do termo.

Nessa parte, o conteúdo é iniciado tendo como base a fundação do Arraial de Belo Monte, em 1893, passando pelo início das hostilidades contra os conselheiristas, o massacre, a fundação e inundação da segunda Canudos, sendo encerrado na Canudos atual. Para contar essa história foram utilizados como mídias jornais antigos encontrados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional; imagens da época do massacre; um mapa interativo para ilustrar alguns locais de onde partiam as pessoas que chegavam a Belo Monte; documentários; fotos e ilustrações de personagens do combate; além de algumas músicas de Bião. Essas mídias, principalmente as fotos e músicas, aparecem a partir de hiperlinks como janelas

internas para que o leitor não seja redirecionado para outra página e perca o foco da leitura — estratégia que se repetiu diversas vezes no produto.

Consultando alguns artigos e livros sobre a história de Canudos, percebi que dificilmente os alagozes de Belo Monte tem alguma representação visual - seja como fotos ou pinturas. Diante disso, resolvi reunir e trazer ao longo do texto imagens com os rostos dos responsáveis pela barbárie imposta contra os conselheiristas. Além disso, algumas armas emblemáticas também estão visualmente representadas, entre elas, a Withworth 32 - apelidada de “matadeira” pelos conselheiros. Esta ganhou uma janela à parte só para explicar sua presença no massacre.

Para escrever sobre a história de Canudos, tive como fonte o livro *Canudos: uma vila florescente e rica* (Nascimento, 2017), *Os Sertões* (Cunha, 2014) e *A Guerra de Canudos, ideologia e o papel da imprensa no episódio* (Moreira, Costa, 1996). Os historiadores e pesquisadores sobre Canudos, João Batista Lima e João Ferreira Damião, foram escolhidos para falarem nessa parte por entender que eles poderiam dar contribuições importantes para o texto. Ambas as entrevistas foram realizadas *on-line* devido a distância física. A primeira foi feita via *Google Meet*, por escolha do entrevistado. A segunda, por problemas técnicos, precisou acontecer através de uma chamada no *WhatsApp*.

5.3 História de Canudos: uma linha do tempo

Após contar a história da cidade, desenvolvemos um infográfico em formato de linha do tempo com algumas datas marcantes para a história de Canudos. O conteúdo vai da fundação do arraial de Belo Monte até a emancipação política da cidade e traz algumas imagens de acontecimentos e personagens do massacre, como o Coronel Moreira César e o General Artur Oscar. O produto foi feito no *Canva*, *site* de edição de imagens e confecção de peças visuais. Após sua confecção seguindo os padrões estabelecidos no *site*, fui gerada uma janela para acomodá-lo.

5.4 A vida de Edmilson Batista Campos

Contextualizada a história de Canudos, entendi que era preciso também saber sobre a vida pessoal de Bião, descrever o sujeito Edmilson Batista Campos, no sentido de saber mais sobre a sua infância, adolescência, do que ele gostava de brincar, do que lembra da própria casa e da vizinhança, quem eram e são seus amigos. Queria descobrir quem é Bião sem a música, do que ele ri e chora, quais as lembranças felizes da infância e os traumas da vida. Quando o tempo começou a se dobrar, o que ele sentiu ao ser pai e avô. “*A vida de Edmilson Batista Campos*” mostra as mudanças de Canudos e do próprio Bião ao longo dos 61 anos de vida dele.

Para esta parte, precisei viajar à Canudos-BA para entrevistar Bião pessoalmente. A viagem foi realizada no dia 18 de setembro. Resolvi escrever um perfil biográfico que começa ali durante a entrevista, no quintal da Pousada Pôr do Sol - conhecida como hotel de Joselina -, passa pela infância de Edmilson Batista, percorre diversas fases da vida dele e volta para aquele momento. Enquanto conversávamos, o sol se escondia atrás das serras que cercam o açude e deixava o Sertão devagarinho. Escolhi entrevistar somente o próprio Bião nesta parte para que a narrativa desse momento fosse construída exclusivamente por ele de forma mais íntima e subjetiva a partir de memórias que vem e vão. Aqui, me importava menos saber a concretude dos fatos da vida dele, e mais a beleza de alguém que narra a própria história.

A realização da entrevista no quintal da pousada Pôr do Sol foi uma escolha do próprio Bião. Quando entrei em contato com ele para marcar o encontro, dei toda a liberdade de definir um local de sua preferência para que se sentisse mais confortável. Sentamos um de frente para o outro próximo a cerca, e ali ficamos por mais de duas horas, com ele me contando sobre a vida.

É desse momento que aparecem os primeiros áudios da entrevista para compor o perfil de Bião. A escolha em utilizar essa mídia veio da necessidade de tornar a *longform* ainda mais interativa. Ao ter um áudio original daquela conversa, o leitor-navegador pode ser transportado para aquele momento, ouvir de forma literal o que foi dito e ainda escutar o farfalhar das árvores daquele quintal, o canto dos pássaros que não cansaram de voar ao nosso redor e também outros barulhos

externos do mundo a nossa volta. Os recortes foram retirados do material bruto pelo *Audacity* (software de edição de áudio), tanto pela gratuidade do programa, quanto pela facilidade de manuseio.

Antes de alguns áudios, em alguns momentos do conteúdo, há a apresentação de *slides-show* (recurso comumente utilizado em *longforms* para apresentar um conjunto de fotografias ou imagens), cada um com duas fotos, que foram feitas durante a entrevista. Ressalta-se que são apresentadas duas fotos por slide pela escassez de imagens da entrevista, uma vez que no momento eu estava só e a captura de fotografias ficou comprometida. Esse elemento (recurso de *slide-show*) entrou na produção após os testes de usabilidade realizados com algumas pessoas. Eitor Ramiro, o primeiro usuário a testar a página, informou que sentiu falta de um elemento visual que pudesse ser acessado durante a escuta dos áudios para aumentar a imersão e dar uma quebra visual no texto.

Para ilustrar a narrativa, também foram utilizadas fotos do acervo pessoal de Bião e reproduções da dissertação de mestrado de João Batista Lima (2024). Apesar das tentativas de encontrar documentos junto do próprio Bião e de pessoas da família dele, a multimídia dessa parte acabou comprometida devido a falta de arquivos pessoais que pudessem agregar ao texto.

5.5 A trajetória artística de Bião

Dissecado o sujeito Edmilson Batista, parti então para conhecer a trajetória artística de Bião de Canudos. Nesse conteúdo, busquei contar como a música entrou na vida dele quando ainda era menino, como foram as primeiras apresentações e marcos de virada em sua carreira, como a subida para os palcos da cidade, a gravação do primeiro e do segundo álbum, os prêmios, a composição e gravação do Hino do município e os sonhos que ele tem para o futuro da carreira. “*A trajetória artística de Bião*” reúne o homem e a música nessa *longform*.

Precisei voltar à Canudos-BA no dia 10 de outubro para dar prosseguimento ao trabalho e colher as informações para desenvolver esse conteúdo. Nessa parte, além da entrevista com o próprio Bião - realizada novamente no hotel de Joselina, também por escolha do entrevistado -, conversei com o produtor das músicas de Bião e amigo pessoal dele, José Alex Oliveira (Lequinho). Essa entrevista foi

realizada no estúdio de Lequinho, por escolha pessoal dele. Lequinho acompanha de perto há mais de duas décadas o sucesso do cantor e me contou sobre como a história de Canudos era mal vista e, por cantar Canudos, Bião também não contava com a simpatia de alguns. Além de produzir as músicas de todos os discos do amigo, Lequinho também fez a gravação e arranjo do Hino de Canudos e participou da comissão que ficou responsável por oficializar a obra.

Foi na entrevista com Lequinho que surgiu o título geral da *longform*: “*Bião: a voz de Canudos*”. Quando o perguntei sobre qual estilo musical definia Bião, Lequinho respondeu que “Ele é um cantor popular de Canudos. Ele é a voz de Canudos”. Quando ouvi a frase, imediatamente rabisquei a ideia nas folhas que tinha nas mãos e decidi que aquele seria o título do produto.

Diferente da seção anterior, aqui foi possível explorar melhor diferentes formatos de mídia que me ajudaram a contar a história. Os áudios das entrevistas são novamente apresentados para acesso. Além deles e sua articulação com o texto, são disponibilizadas algumas galerias com fotografias do acervo pessoal do entrevistado, o decreto que oficializou a composição de Bião como Hino da cidade e diversos *players* das músicas citadas para acesso.

5.6 Cantos da terra: as canções de Bião

Antes de entrarmos na análise das músicas, é importante que o leitor conheça cada canção daquela que está sendo tratada, por isso, uma das partes do trabalho é justamente uma *playlist* com todas as 21 músicas presentes nos dois álbuns. Com essa ideia nasceu “*Cantos da terra: as canções de Bião*”. Com essa parte separada do restante do conteúdo, quem acessa a *longform* pode parar ali, apreciar as canções, e depois seguir para o próximo conteúdo.

Esta seção foi pensada e projetada com uma linha vertical dividindo a página ao meio com uma clave de sol na ponta superior e uma nota semitom na parte inferior representando o conteúdo musical apresentado ali. Ao lado esquerdo da linha, está o tocador com as músicas do álbum *Canta Canudos* (2002) e, em oposição, do lado direito, estão as canções de *Matuto do Cocorobó* (2006). A apresentação das músicas, dessa forma, preenche melhor o espaço visual e faz com que o usuário tenha uma apresentação de todas as canções.

5.7 A Canudos que canta: memória, identidade e pertencimento

Depois de compreender sobre Belo Monte, as diferentes Canudos, a vida pessoal e a trajetória artística de Bião, o conteúdo seguinte aborda, descreve e analisa as músicas dos álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006). Tanto a análise, quanto a escrita foram feitas seguindo a sequência de faixas das duas obras. Ambos os álbuns seguem um fio narrativo que parte do silêncio, percorre diversas estradas - seja por terra ou pela água - entre Canudos, o Sertão e as metrópoles, passando por massacres, quintais, festas, confraternizações entre amigos e chega, ao fim do trajeto, à memória e ao coração do canudense.

Em “*A Canudos que canta*”, busquei refazer esses caminhos para entender de forma geral como Bião aciona memórias coletivas para causar identificação e afirmar a reafirmar a identidade canudense nas músicas. Para guiar o leitor e deixar mais claro o que está escrito, todas as músicas estão *hiperlinkadas* ao texto em janelas internas com tocadores do *YouTube*. A plataforma foi escolhida pela facilidade de acesso, *já que* não é necessário sequer ter cadastro para conseguir reproduzir os conteúdos. Para o desenvolvimento desta parte, foram utilizados fragmentos das entrevistas anteriores com João Batista Lima, José Alex Oliveira (Lequinho), João Ferreira Damião e o próprio Bião

Alguns elementos citados nas letras como Araticum, Murici, Rasga Mortalha, o açude de Cocorobó e também personagens, como Cícero Cardeal, receberam fotos que também estão em janelas internas por meio de *hiperlinks*. Tanto na janela que ilustra o Acauã, quanto na do Rasga mortalha, foram colocados áudios do canto dessas aves, pois nas músicas em que elas aparecem - o primeira em “*Essência*” e o segundo em “*Coisas que mãe dizia*” - Bião fala dos sons emitidos por ambas.

Os personagens que não estão ilustrados em imagens são por conta do tempo que insistia em correr na direção do prazo de entrega deste TCC ou, em alguns casos, como o de dona Mariá - parteira citada tanto no perfil biográfico, quanto na análise das músicas -, devido ao fato de não ter conseguido encontrar pessoas da família que pudessem ceder alguma foto. Além de analisar as duas obras, nessa parte também fizemos uma comparação entre ambas para entender as semelhanças e diferenças na construção imagética que Bião apresenta nas suas letras.

O *Minidoc* “O povo canta Bião”, inserido dentro dessa mesma seção, apesar de ter entrado antes da análise, foi produzido depois. A ideia inicial sequer era de produzir esse curta-metragem. A proposição feita pelo meu orientador era de realizar um “fala povo” nas ruas para saber se as pessoas conheciam Bião e as músicas dele, o que acham das obras e se sabiam cantar alguma de suas canções, o que ilustraria a descrição das músicas. Com as respostas, eu deveria criar um produto audiovisual para agregar a *longform*.

Novamente voltei à Canudos para produzir, e a ideia inicialmente proposta ganhou outra forma, agregando ainda mais ao conteúdo abordado. As gravações foram realizadas todas durante uma sexta-feira, data escolhida por ser dia de feira e maior movimentação na cidade. Além de ser *filmmaker* e fotógrafo, Álex Brandon Oliveira, amigo pessoal, foi convidado para me auxiliar nas gravações. Todo o produto foi gravado com uma câmera *Canon T6i* e uma lente *EF-s 18-55mm*. A primeira captação foi realizada durante a manhã com Sávio Lopes, primeira fonte entrevistada. Foi nesse momento que o formato foi definido. Ali, percebi que o documentário seria a melhor maneira de dar conta do que eu precisava para cumprir aquela etapa, além de ficar esteticamente mais agradável do que entrevistas de rua com minha presença mais direta. Logo, apesar da mudança de planejamento, acredita-se que os conteúdos e declarações coletadas apresentaram aderência e profundidade significativa à composição da seção onde o *minidoc* foi inserido.

A última captação do *minidoc* foi realizada com Kaila Marcelle, estudante e cantora, sendo importante mencionar que em algumas oportunidades ela participa de shows de Bião em Canudos. Ao final da gravação, quando ela cantou “*Essência*”, descobri como encerrar esse conteúdo multimídia, sem saber ao menos, naquele momento, como iniciar o seu processo de edição. De volta a Juazeiro-BA, realizei a decupagem das entrevistas e comecei a identificar conexões entre as falas. Após selecionadas todas as falas que entraram na versão final do *minidoc*, montei um roteiro sem indicações de imagens de cobertura ou *background* sonoros, somente com falas das pessoas. Nesse momento, me interessava muito mais em montar o vídeo do que colocar detalhes, precisava visualizar aquilo que estava no roteiro.

Para a montagem, ajustes de áudio e edição final do *minidoc*, foi utilizado o *CapCut* versão *Pro*, editor de vídeo de fácil manejo e já utilizado por mim em outros momentos. A versão *Pro* foi assinada para que eu pudesse contar com alguns

recursos que me ajudassem a melhorar a edição final, como o isolamento de voz nos áudios das gravações e também transições para criar o clipe de abertura. Cortei as falas, montei o vídeo, assisti inteiro, reorganizei alguns depoimentos e fechei a montagem. Na sequência, coloquei as músicas de Bião como *BGs*, sem roteirizar previamente esse aspecto, de modo que os depoimentos foram sendo ouvidos e as músicas encaixadas de forma intuitiva. Assisti novamente para ver e ouvir como ficou. Por último, cobri o vídeo também intuitivamente, buscando encaixar imagens do cantor onde eram mais pertinentes para que a imagem não ficasse o tempo inteiro nos entrevistados. No final, sobrepus e sincronizei as vozes de Kaila e Bião cantando o refrão de “*Essência*”.

5.8 Festas, território e saudade nas músicas de Bião

Realizada a análise geral dos dois álbuns, chegou a hora de produzir os conteúdos específicos sobre as categorias predominantes encontradas nas músicas de Bião. Como já citadas anteriormente neste memorial, os temas mais predominantes encontrados nas canções dele são festas populares, território e saudades.

Essa última parte foi pensada para dar conta das três categorias em uma única página, com as temáticas dialogando, pois esses assuntos também surgem interseccionados nas canções de Bião. A partir dessa escolha, um tema puxa o outro por aquilo que eles apresentam de comum entre si. Dessa forma, as festas populares abrem a seção com uma explicação de que celebrações são essas que aparecem nas letras e em seguida, um texto sobre a alvorada e outro sobre a trezena, festejos mais cantados por Bião.

Para escrever sobre a alvorada, a principal fonte de entrevista é o ex-prefeito e organizador da festa, Genário Rabelo de Alcantara Neto (Geo). Com ele, abordamos o início e a trajetória da programação e também a participação religiosa de Bião no evento. Falamos também sobre como o povo canudense se celebra e reconhece a própria existência naquele espaço. Já para tratarmos acerca da trezena de Santo Antônio, a fonte escolhida foi o padre Jeferson Santos, líder da paróquia local há cinco anos. Ele nos contou sobre a importância histórica da trezena para a cidade e como parte da cultura e identidade de Canudos se encontra na fé.

As festas ajudam a construir a cidade simbolicamente formando cultura, religião e identificação. Esses elementos são inerentes para a construção do território como pensado por Santos (1999) que é o lugar onde se realizam todas as ações, paixões e onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência.

Dessa forma, após as festas, desembocamos no conteúdo em que buscamos entender como Bião canta o território nas suas músicas e a partir do quais elementos esse lugar, representado naqueles versos, é constituído. Aqui entrevistamos os professores Josemar da Silva Martins (Pinzoh) e Tobias Arruda Queiroz para tratarmos sobre diferentes abordagens do tema. Pinzoh contribuiu explicando sobre a construção simbólica do Sertão, já Tobias falou sobre a relação entre território, cultura e música.

O território é um lugar de identificação e Bião canta sobre aspectos específicos da vida canudense: o açude, as serras, as festas, as pessoas que vivem ou viveram ali. O cantor faz com que Canudos não seja só um ponto no mapa, a cidade se torna um pedaço das pessoas que escutam suas músicas e quem está longe sempre carrega parte daquele lugar no peito.

Com esse entendimento, finalizamos com a parte sobre saudades. Esse conteúdo é a parte mais pessoal de todo o trabalho. Essa saudade que atravessa Matheus Campos e Camily Lopes, entrevistados do podcast que fala sobre o tema, é a mesma que me afeta desde que saí de Canudos e me mudei para Juazeiro. Ambas as entrevistas foram realizadas por *WhatsApp* por conta da falta de disponibilidade dos dois personagens. Enviei as perguntas e eles me responderam em áudio pela plataforma de comunicação.

Antes de roteirizar o conteúdo, pensei em me colocar no texto de forma mais direta, mas ao ouvir as respostas, voltei atrás na ideia, pois encontrei a minha saudade quando Matheus e Camily falam do açude, das calçadas com os amigos ou das reuniões familiares. A falta que Canudos faz é diferente para cada um, mas há elementos que afetam todos os canudenses espalhados pelo mundo da mesma maneira.

O roteiro foi pensado a partir de três momentos principais citados por Camily e Matheus nas entrevistas: partida, lembrança e pertencimento e volta. Em cada

capítulo dentro do conteúdo, busquei entender como as músicas de Bião se conectam com aquilo que era dito por eles.

Com o roteiro pronto, gravei o off e iniciei a montagem e edição do conteúdo. Para realizar esse processo, o *software* utilizado foi o *CapCut* versão *Pro*. Ele me permitiu montar três faixas de áudio: off, sonoras dos entrevistados e BGs. Dessa forma, pude visualizar com clareza o andamento do processo e ajustar a duração e a transição de cada elemento sonoro ali presente. Além disso, o *software* facilitou os ajustes na qualidade dos áudios enviados através do WhatsApp.

Para receber o conteúdo, escolhi o *Spotify* por ser um dos maiores serviços de *streaming* de áudio do mundo e também ser a única que tem compatibilidade direta para anexar conteúdos no Wix, plataforma utilizada para suportar o *longform* produzido neste TCC.

5.9 Construção do *site*

O *site* de suporte da *longform* “*Bião: A voz de Canudos*” foi desenvolvido tendo como base a plataforma *Wix*, definido, conforme informações disponibilizada em sua página como “[...] um criador de *site* poderoso e intuitivo, equipado com ferramentas que podem ajudar você a criar desde um blog pessoal até uma plataforma de nível empresarial para seu negócio”³. Outros desenvolvedores, no entanto, foram testados e pensados, tais como: *Wordpress*, *Google sites* e *Canva*. Entretanto, o *Wix* foi escolhido por ser intuitivo e prático, além de conseguir dar conta do grau de complexidade exigido pelo produto - os demais não entregavam tão bem um desses dois aspectos mencionados.

O primeiro passo dessa caminhada voltada para a composição do *site* foi gerar o template da página. A primeira versão era diferente em diversos aspectos: a navegação havia sido pensada para ser inteira de forma corrida e até as fotos que estavam abaixo dos subtítulos ocupavam um espaço maior. A capa do *site* era uma foto em preto e branco. Uma das poucas configurações que se manteve foi o *background*, que apesar de testes com outras cores e até imagens, permaneceu preto (código #1F1F1F), pois emite menos luz e faz com que a visão do leitor fique

³ Conforme disponível em: <https://pt.wix.com/blog/o-que-e-wix> Acesso em: 24 nov. 2025.

menos cansada, além de conseguir acondicionar com equilíbrio visual os demais elementos, como fotos e vídeos.

Na vertical, o primeiro elemento visual do *site* é o cabeçalho, onde está o menu de navegação e o nome “*A voz de Canudos*”, posicionado à esquerda. A escolha de não colocar o nome inteiro do trabalho aconteceu porque isso iria desalinhar a diagramação do cabeçalho. O menu, também presente nesta parte, à direita, é recolhível e serve para integrar todos os conteúdos, de modo que o usuário possa navegar entre as diferentes partes do trabalho sem seguir a ordem planejada, caso queira seguir um outro percurso de leitura e acesso, ou retornar a conteúdos específicos. Tanto o nome, quanto o menu presentes no cabeçalho estão na cor branca (código #FAFAFA) para garantir contraste e harmonia.

A página começou a ganhar forma com a versão inicial do conteúdo “*Canudos: a história do lugar*” - primeiro a ser desenvolvido. Com um conteúdo mais próximo daquilo que realmente entraria na página, foi possível fazer uma diagramação mais consistente e visualizar ali o que foi replicado para as outras partes da *longform*.

Durante os testes algumas configurações foram ganhando forma. A primeira delas foi a capa dessa parte aqui descrita da *longform*. A fonte escolhida para o título dos textos foi a *MontSerrat Black*, tamanho 119, cor branca (código #FFFFFF). Essa configuração foi definida por se adaptar bem a diferentes imagens e entregar um impacto visual forte. Já nos subtítulos foi aplicada a fonte *Damian*, tamanho 72, cor branca (código #FFFFFF), que equilibrou o conjunto e trouxe leveza e modernidade ao *grid* (estrutura de linhas - horizontais e verticais - usadas para organizar e alinhar os elementos do *layout*) das imagens de capa. As fontes *Adobe Caslon*, *Aether*, *Belinda*, *Climate Crisis* e *Gaude* foram testadas em conjunto no título e subtítulo da página, mas nenhuma combinação trouxe a harmonia desejada de pesos e traços.

Para comportar a foto de capa com uma maior integração e suavidade de transição para o restante da página, foi aberta uma nova seção a fim de cumprir esses objetivos. A seção, é uma separação da página utilizada para dividir conteúdos de todos os formatos suportados pelo *Wix*.

As configurações de parágrafo também foram testadas no primeiro texto para se chegar a uma escolha mais adequada. A fonte escolhida foi a *Helvetica*, tamanho 23, cor branca (código #FFFFFF). O uso dessa configuração de fonte, diante do

conteúdo com densidade textual consistente para os meios digitais, permite que o leitor se sinta mais confortável após algum tempo voltado para a tela, pois traz um visual limpo, o que faz a leitura ser menos cansativa com o avançar do texto. Outras fontes como *arial*, *corrier new*, *DMS Sans* e *Hedvig Letters Serif* foram testadas, para a possibilidade de substituir a *Helvetica*, o que não aconteceu, de modo que o uso desta acabou padronizando o conteúdo.

Para os intertítulos, a fonte escolhida foi a *Anton*, tamanho 48, por ser impactante e ter um *design* construído para títulos. Inicialmente, foi pensado e testado o tamanho 40, mas verificamos que era necessário aumentar a escala para que tanto o impacto quanto o conforto visual fossem melhor atingidos. Essa escolha manteve a coerência visual tanto da página sobre a história de Canudos, quanto das demais.

Inicialmente ocupando toda a faixa central da tela com 1224 pixels de largura, meu orientador, Geilson Fernandes, sugeriu que as caixas de texto fossem achatadas. Durante os testes para se chegar a um tamanho adequado, constatamos que a largura de 968 pixels seria ideal. Essa escolha possibilitou que cada linha tivesse menos palavras e tornou a leitura horizontal mais dinâmica e confortável.

Um dos elementos narrativos para contar a história de Canudos foi um mapa interativo que mostra alguns locais de origem de pessoas que migraram para Belo Monte ao encontro do Conselheiro. Após tentativas de desenvolver esse mapa em diferentes *softwares* como o *OpenStreetMap* e também o *Google Maps*, tanto os resultados visuais quanto de usabilidade foram insatisfatórios. Diante desse cenário, resolvemos fazer o mapa diretamente no Wix, em uma das ferramentas que o desenvolvedor oferece, com isso conseguimos o resultado desejado.

As fotos e vídeos que quebram e se articulam aos textos - tanto na primeira parte, quanto nas demais - acompanham, no geral, a largura dos parágrafos para que a harmonia da página seja mantida. Entretanto, algumas imagens, com o objetivo de se dar maior destaque, foram redimensionadas, no sentido de ocupar a largura da página. Além disso, esses elementos visuais possuem uma moldura branca (código #FFFFFF) com largura de 3 pixels para marcar as bordas e gerar a sensação de que aquilo é um quadro, com o intuito de aumentar a imersão do usuário.

Já as imagens que aparecem ao lado dos parágrafos têm tamanhos variados e baseados na proporcionalidade de cada uma. Essas fotos estão alinhadas com os parágrafos ao lado direito da caixa de texto. Aqui se mantém o uso das molduras nas imagens.

As fontes das legendas abaixo das fotos seguem quase inteiramente o padrão de configuração dos parágrafos, *Helvetica*, cor branca (código #FFFFFF). As mudanças estão no tamanho, a depender do local onde as imagens aparecem. Nas legendas de fotos que quebram a continuidade dos parágrafos, foi aplicado o tamanho 11, já naquelas que estão ao lado do texto, é utilizado o tamanho 9. Essas alterações de tamanho fizeram com que o texto ficasse proporcional ao tamanho que cada imagem ocupa na tela.

Outro item testado e configurado primeiro no texto sobre a história de Canudos e depois replicado, foi o das janelas internas. Para falar sobre essa escolha é preciso voltar até os momentos finais da disciplina de Seminários Avançados, que precede o TCC, quando comecei a ver alguns modelos de *longform*, tanto para me apropriar mais do formato, quanto para me inspirar em elementos frequentemente usados. Uma dessas peças foram as janelas internas *linkadas* a partes do texto. O uso dessas janelas faz com que todo o conteúdo acessado para a compreensão do assunto esteja dentro do próprio *site*.

Essa estratégia evita que, ao precisar ir para outros *sites*, o leitor tenha a atenção roubada e acabe não voltando para onde estava inicialmente. O primeiro uso que vi desse elemento foi uma *longform* do jornal *Metrópoles* sobre assédio sexual em universidades públicas⁴. Ao entender o uso desses elementos como forma de aprofundar a narrativa em outros espaços, mas sem deixar a página de origem, decidi que também deveria usar.

A primeira aparição desse tipo de janela no *site* é para demonstrar o relevo do arraial de Belo Monte com uma pintura de Descartes Gadelha. O leitor pode clicar, olhar, ter um respiro do texto e retomar a leitura sem sair do local na página em que estava. Esse recurso foi utilizado também para anexar explicações de conceitos como genocídio, explicar o que é o DNOCS, trazer contribuições de outros autores sobre o tema tratado e também ilustrar com fotos alguns elementos centrais à narrativa sem quebrar o texto a todo momento com uma foto ou um vídeo. Em outros

⁴ Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/assedio-sexual-universidades> Acesso em: 12 out.2025.

momentos, como em “*A voz de Canudos*”, duas dessas janelas trazem também áudios com o canto do acauã e a rasga-mortalha - únicas duas aves que Bião narra falando dos seus cantos.

As setas de navegação abaixo dos textos servem para orientar a leitura, seguindo uma ordem sequencial que foi pensada e é proposta para a estrutura e acesso ao trabalho. No desenvolvimento *frontend* (parte do *site* com a qual o usuário interage diretamente), elemento fundamental da experiência do usuário, é necessário buscar o equilíbrio entre visual e facilidade de navegação. Alguns testes com diferentes *designers* de botões, alguns com as palavras “anterior” e “próximo”, outros com o título do último texto e também do seguinte, foram realizados. Entretanto, nenhuma dessas versões apresentou o resultado visual desejado, por isso, a escolha de colocar apenas as setas, que dão o sentido de direção, para que o leitor saiba que está prosseguindo ou regredindo nos conteúdos. O uso desse recurso de navegação com botões de anterior e próximo é recorrente em algumas reportagens e/ou especiais *longform*, tendo sido inspirada a partir da *longform SnowFall*, do *New York Times*, umas das produções mais representativas do formato e considerada um marco. Aquela produção utilizou essa ferramenta como uma forma de interação e acesso aos seus conteúdos⁵.

O rodapé do *site* foi pensado para ser simples e apresentar os créditos do trabalho, como a autoria dos conteúdos, a orientação e o desenvolvimento do *site*. Além disso, foi adicionada uma caixa de texto para explicar ao público que essa *longform* é um trabalho experimental de TCC, não um produto profissional.

Como já dito anteriormente nesta descrição, um dos recursos utilizados para aumentar a imersão e enriquecer a narrativa foi colocar cortes de áudios de algumas entrevistas. Todos os tocadores de áudio utilizados ao longo dos textos têm a mesma extensão lateral dos parágrafos. A cor preta (código #1F1F1F), foi escolhida para compor a contagem de tempo e o botão de *play* para que esses componentes possam se integrar visualmente ao background. Já o branco (código #FFFFFF) foi utilizado para contrastar com o *background* e dar uma sequência visual à cor do texto.

Outro recurso para aumentar a imersão dos leitores foi uso de imagens 360°. Esse tipo de mídia permite que os usuários tenham acesso a uma foto em

⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#?part=tunnel-creek> Acesso em: 18 nov. 2025.

movimento e vejam tudo que compõe aquele ambiente que está registrado. Dessa forma, os usuários são “transportados” para o local da imagem e podem explorar com maior riqueza de detalhes aquele cenário. Esses conteúdos se estendem lateralmente por toda tela dando a sensação de infinito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para escrever estas considerações finais, primeiro, preciso voltar ao início de todo o caminho traçado até o momento. Ao longo de toda a construção da *longform* “Bião: a voz de Canudos”, precisei somar vivências pessoais, escolhas acadêmicas e desafios práticos e técnicos que ajudaram a responder ao problema de pesquisa e moldar o produto jornalístico desenvolvido.

Ao analisar de que forma os álbuns *Canta Canudos* (2002) e *Matuto do Cocorobó* (2006) contribuem para a construção da identidade, cultura e memória canudense, precisei tratar Canudos para além do massacre. Precisei articular o passado traumático do genocídio com as expressões culturais que surgiram depois dele, principalmente a música de Bião. O percurso descrito acima indica que os objetivos foram alcançados, uma vez que foi possível identificar temas recorrentes nas canções, relacionar essas temáticas à cidade e às pessoas, e construir um produto multimídia a partir do qual é possível acessar fragmentos que constroem um panorama de Canudos por diferentes ângulos, tendo como base as músicas de Bião e as suas articulações com a memória, a cultura e a identidade.

No âmbito teórico deste trabalho, o contato com as discussões acerca da memória, cultura e identidade a partir do território, ampliou o meu repertório e mudou a forma como enxergo o lugar de onde venho. As leituras feitas me permitiram compreender que não existe uma essência canudense cristalizada, mas identidades e identificações que se modificam, sendo afetadas por diferentes referências e experiências. Passei a entender as canções de Bião como documentos que guardam a memória do meu povo e afirmam um sentimento de pertença a Canudos.

As escolhas metodológicas também se mostraram acertadas. A união da pesquisa bibliográfica, documental, análise de conteúdo e entrevistas me permitiu analisar o fenômeno adequadamente. Ouvir as músicas de Bião exaustivamente, fazer as transcrições e as análises foi fundamental para encontrar a estrutura, o fio narrativo da *longform*.

As 16 entrevistas realizadas ao longo da produção com Bião, pesquisadores de diferentes áreas, pessoas ligadas à cultura de Canudos, migrantes e moradores locais, trouxeram novas formas de enxergar o objeto de estudo. Esses diálogos me

permitiram colocar as lentes da experiência vivida para compreender os elementos presentes nas músicas estudadas.

A produção da *longform* foi um desafio que me causou medo. Foi preciso aprender, testar e refazer recursos de texto, áudio, fotografia, vídeo, mapas interativos, infográfico, *slideshows* e imagens 360° e equilibrar informação e fluidez narrativa. Apesar das dificuldades encontradas e das limitações, considero que o produto final dá conta da proposta de criar um produtor de jornalismo cultural atento ao contexto.

Este memorial registra de forma implícita as dificuldades logísticas enfrentadas, como viajar a Canudos em diferentes momentos, mas sempre com somente um dia para produzir. Para concluir este trabalho, foram necessárias cinco viagens a Canudos. Quatro delas durante o semestre regular e a primeira ainda durante as férias, para observar, fotografar e filmar uma das noites da trezena, pois sabia que o evento iria aparecer de alguma forma.

Ao final desse percurso, como resultado, fica claro que as canções de Bião constroem um lugar simbólico onde Canudos se reconhece e se projeta. Suas letras e melodias ressignificam paisagens, recuperam memórias e contam histórias que o tempo tentou apagar. Ao transformar luta, festa, vida cotidiana, Sertão e pertencimento em música, Bião nos faz pensar sobre o que significa ser canudense. Assim, a partir da pesquisa e do produto desenvolvido, percebe-se que a obra do artista não somente fala de Canudos, mas participa da construção da identidade local, contribuindo para a sua constituição e complexificação.

Este trabalho também abre novas possibilidades. Diferentes pesquisas podem surgir para aprofundar a relação entre música e memória em Canudos, para analisar a recepção das canções, comparar a obra de Bião com a de outros artistas que também cantam sobre a cidade, entre outras perspectivas. Em suma, muitos outros desdobramentos são possíveis, demonstrando o terreno fértil que essa discussão aponta para investigações acadêmicas. De uma forma mais imediata, me interessa saber como a *longform* será recebida e apropriada pelos canudenses e quais leituras serão feitas sobre a narrativa, o que promove novas expectativas.

Encerro este memorial reconhecendo que todo o percurso descrito me transformou como jornalista e pesquisador, mas mudou principalmente minha forma de ser canudense. Cada momento dedicado a este trabalho reforçou a certeza de

que, ao falar de Bião, acabei falando também de mim, da minha família, dos meus amigos, das ruas, festas e paisagens que me formaram para o mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Henrique Honório de. **Ana Paula Tavares na viagem ao Sul: a crônica "E por que é que elas não podem brincar?" e a reivindicação de contar a própria história.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2024.

BACCIN, Alciane. A narrativa longform em reportagens hipermídia. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 14, n. 1, p. 89-101, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p89/35056>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BARBOSA, Elysson Thiago Gomes; ARAÚJO, Wellson de Azevedo. **A relação entre música, cultura e sociedade: uma análise antropológica.** 2023.

BARROS, José Márcio. **Cultura, memória e identidade** – contribuição ao debate. Cadernos de História, v. 4, n. 5, p. 31-36, 1999.

BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 23-38, tri III 2017. ISSN 1980-7031. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910>. Acesso em: 28 set. 2025.

BEZZI, Meri Lourdes. **Região como foco de identidade cultural.** Geografia, p. 5-19, 2002

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Covilhã: LabCom, 2014. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf. Acesso em: 16 set. 2025.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa.** Tradução de Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis: Vozes, 2017.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** São Paulo: Biblioteca Básica Brasileira, 2014.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS. **Açude Cocorobó, na Bahia, se entrelaça com a história de Canudos.** Brasília, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/nossas-historias/acude-cocorobo-na-bahia-s-e-entrelaca-com-a-historia-de-canudos>. Acesso em: 26 nov. 2025.

DIAS, Valton Neto Chaves; RONSINI, Veneza Veloso Mayora. O consumo de música regional como mediador da identidade. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 4, 2009.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 20, n. 24, p. p. 213–225, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216>. Acesso em: 9 jul. 2025.

FALCO, Alessandra de. A união entre o longform e o jornalismo literário. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 44, p. 150–160, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscrita/article/view/188337>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FONSECA, Adilson. **Em Canudos, a história de Antônio Conselheiro**. Bahia Noite e Dia, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://www.bahianoiteedia.com.br/em-canudos-historia-de-conselheiro/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Autores Associados, 2020.

FRAZÃO, Francisco Adelino de Sousa. **João do Vale e a invenção do Nordeste: uma construção identitária regional na perspectiva de canções do ‘poeta do povo’**. Tese (Doutorado em Música), Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2023.

GERALDO, Elane Santos; SILVA, Francisca de Paula Santos da; NEIVA, Luiz Paulo Almeida. Dos primórdios de Canudos ao seu vicejar na contemporaneidade: o contexto sócio-histórico. **Revista Canudos**, v. 13, p. 179-195, 2024. Acesso em: 17 set. 2025.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus** - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 27 mai. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

JACOBSON, Susan; MARINO, Jacqueline; GUTSCHE JR., Robert E. The digital animation of literary journalism. **Journalism**, v. 17, n. 4, p. 527–546, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884914568079>. Acesso em: 16 set. 2025.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. In: **CIAIQ2015**, Investigação Qualitativa em Educação, Volume 2, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280924900>. Acesso

LEONARDELI, Poliana Bernabé. O uso da oralidade, como identidade e memória, na poesia popular de Patativa do Assaré. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 31, p. 149–178, 2020. DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44074. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/44074>. Acesso em: 20 jul. 2025.

LIMA, João Batista da Silva. **As canções de Bião**: sertão, cotidiano e imaginários sobre Canudos. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Letras, Literatura e Artes, Alagoinhas, 2024.

LINARES, Ronaldo; COSTA, António Pedro. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa no campo da comunicação. **Âmbitos**, v. 44, p. 7-9, 2019. DOI: 10.12795/Ambitos.2019.i44.17.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley . A EVOLUÇÃO MULTIMODAL DO LONGFORM: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento. In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-evolucao-multimodal-do-longform-formatos-digitais-que-consolidam-o-jornalismo?lang=pt-br>. Acesso em: 04 Out. 2025.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 109-126, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em: 26 jun. 2025.

MARINHO, Anderson Henrique Ferreira. “Herdeiros da bravura”: a [re]invenção de Canudos e a luta dos sobreviventes (1897-1947). **Revista Ars Historica**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 163-181, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/49086>. Acesso em: 01 out. 2025.

MATTE, Manuela; SANTOS, Salete Rosa Pezzi. Região cultural, regionalidade e identidade regional em Fogo Morto, de José Lins do Rego. **Revista DLCV** - João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 38-50, jan./jun. 2016

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2011. DOI: 10.33081/formacao.v2i14.645. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MOREIRA, Roberto Camargo Leite; COSTA, Esdras Borges. **A Guerra de Canudos, Ideologia e o papel da imprensa no episódio**. Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) FGV/CNPq. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 04 jun. 1996.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. 2014. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MOURA, Auro Sanson. **Música e construção de identidade** [em linha]. 2010.

NASCIMENTO, José Gonçalves. **Canudos**: uma vila florescente e rica. 2. ed. São Paulo: Lura, 2024.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história - a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 5-22, dez. 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 out. 2003. Tradução Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006. 17 p.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1–22, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em: 14 de junh. 2025.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.10, n. 1, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em:

POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. Filosofia: diálogo de horizontes. Caxias do Sul: Educus, p. 589-591, 2001. Acesso em: 13 jul. 2025.

RACIOLI, Thiago. Música e identidade cultural: a expressão das tradições e identidades ao redor do mundo. **Musixe**, 2024. Disponível em: <https://musixe.com/blog/musica-e-identidade-cultural-a-expressao-das-tradicoes-e-identidades-ao-redor-do-mundo>. Acesso em: 29 nov. 2024.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis/SC, Brasil, v. 19, n. 39, p. 43–58, 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p43. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ROUCHOU, Joëlle. Entrevista na história oral e no jornalismo. **ANPUH – XXII** Simpósio Nacional de História. João Pessoa, p. 1-8, 2003.

SANTOS, Luis Átila dos. **Quadrilha junina e políticas culturais**: aspectos históricos e simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira. 46p. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2017.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia**, v. 1, n. ju 1999, p. 7-13, 1999.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em: 25 jun. 2025.

SILVEIRA, Clea Furtado da; ABREU, Suzana Mendonça; SILVEIRA, Mariana Lopes da; SILVEIRA, Denise Nascimento. **Estudando a Interpretação das Culturas**. Universidade Federal de Pelotas, 2023.

SOUZA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>. Acesso em: 25 de jun. 2025.

SZACHNOWSKI, Zelina Márcia Pereira Beato; ARAÚJO, Aryadne Bezerra. O genocídio de Canudos como trauma e Os Sertões como relato testemunhal. **Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p. 211-226, jan./jun. 2019. Acesso em: 17 set. 2025.

TILIO, Rogério Casanovas. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 109–119, 2009. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/529>. Acesso em: 15 set. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ZAUZO, Pedro; MAROTTI, Priscila. Por trás da música, uma manifestação cultural: o Reggae. **Revista Eclética**, n. 26, p. 10-13, 2008.